
DEVILS
HEART
A DARK VALENTINE ROMANCE
CRIMSON SYN

Moderadoras

Lilly Draconi, Meghan Williams & Kamylee Bennett

Staff

Tradução
Meghan Williams

Revisão Inicial
Renata

Revisão Final
Déia

Leitura Final
Karol

Conferência
Thamires

Formatação
Meghan Williams

Disponibilização
Equipe Queens of Shadows

2019

Devious Heart

Crimson Syn

Uma noite.

Foi o suficiente para que o mundo de Lilith fosse destruído. Desde então, viver tornou-se uma tarefa sem alma e entorpecida.

Isso é até que ela conhecer um sombrio, bonito, misterioso estranho.

Adrien é o único homem com quem ela fala, sentindo-se conectada, em meses. O único que parece se importar o suficiente para notá-la através das paredes que ela construiu.

Mas aprender a confiar novamente, especialmente com um homem com quem ela mal conhecia, é uma batalha. Apaixonar-se por ele, uma guerra.

Porque Adrien também tem um segredo sombrio e terrível - um que poderia destruir todos os passos que Lilith tomou desde aquela noite.

E embora espíritos semelhantes possam se aproximar uns dos outros, não há como dizer o quanto essa verdade pode ser explosiva.

Com um segredo que poderia abalar os dois, talvez seja preciso mais do que amor para libertá-los.

Então novamente.
Alguns segredos são melhores se mantidos escondido.

Este livro contém certos temas e situações que podem desencadear gatilhos para alguns leitores. Prossiga com cuidado.

QUERIDOS LEITORES

Olá Lovelies,

Obrigado por se juntar a mim em meus esforços sombrios.

Escrever este livro foi estranhamente divertido, distorcido, eu sei. Mas isso me deu um gostinho do lado negro que eu achei que gostaria um pouco de brincar. A ideia surgiu de uma conversa tarde da noite que provocou não só o sensual, mas também as imagens perversas deste livro.

Adrien Black-hart pode roubar seu coração ou ele pode quebrá-lo. De qualquer forma, eu não vou dizer como vai terminar, mas eu vou te satisfazer.

Eu avisei para você proceder com cautela. Os gatilhos neste livro não devem ser tomados de ânimo leve. Mas se você estiver pronto para mergulhar em um Coração Desonesto, então eu espero que você aproveite o passeio.

Crimson Syn

CITAÇÃO DO AUTOR

eu te amo

Como certas coisas sombrias

Devem ser amadas.

Em segredo,

Entre a sombra

E a alma

~ Pablo Neruda

PRÓLOGO

Eu estava a observando por meses. A seguindo pela cidade, me certificando de que ela estava segura, me certificando de que nenhum outro homem chegasse perto dela. Nas últimas semanas, trabalhei diligentemente para verificar se todos os detalhes desta noite estavam perfeitos. Era Dia dos Namorados depois de tudo e eu queria que essa noite fosse tão especial quanto ela era.

Eu observei do primeiro andar quando ela se aproximou da janela. A luz fraca em seu quarto me permitiu ver seus seios pequenos saltando enquanto ela caminhava calmamente para a janela. Sua toalha agora em suas mãos enquanto ela secava o cabelo. Ela tinha um corpo pequeno, delicado, mas suas curvas lhe davam uma silhueta suave e sexy. Eu sorri para mim mesmo, ela lutaria, mas no final, eu venceria.

Eu olhei para o meu relógio, me cronometrando enquanto aproveitava observá-la realizando sua rotina noturna. Ela gostava de ficar perto das janelas e, por que não, ela morava nos arredores da cidade. Um grande quintal com altos pinheiros separava a sua casa da civilização. Eu sabia que ela estava sozinha esta noite, porque eu tinha visto quando a sua mãe saiu com as malas e se despediu mais cedo naquela manhã. Inconscientemente, deixando sua presa para mim.

Eu sorria enquanto a observava pentear suas grossas madeixas douradas. Suas costas estavam retas, seus mamilos empinados enquanto seu cabelo molhado deixava gotas de água deslizarem por seu corpo. Meu pau esticou no jeans enquanto meus olhos

percorriam sua pele macia. Eu queria senti-la embaixo de mim, lutando, choramingando e finalmente gozando ... para mim.

Eu já a havia sentido antes. A primeira vez em que eu coloquei os meus olhos nela, foi há um ano. Ela entrou no bar com as amigas, usando uma pequena e apertada blusa vermelha. Sua saia continuava subindo toda vez que ela balançava os quadris e eu ficava encantado com o volume de sua bunda enquanto ela se movia ao ritmo da música. Eu teria me aproximado naquela noite, mas ela parecia tão adorável quando ria. Tão inocente em seus saltos altos e lábios vermelhos. Seus brilhantes olhos cor de mel se iluminaram quando suas amigas a fizeram rir. Eu sorri para mim mesmo enquanto elas estavam ao meu lado no bar. Ela entrou no espaço entre sua amiga e eu, estendi a mão para tocar seu cabelo amarelo suave. A pontas dos dedos brincando com as pontas e depois descendo pela faixa preta de aniversário que ela estava usando.

Ela ficava dizendo às amigas que não para os drinks, mas elas insistiam, e eu decidi que tinha que ser o único a dar-lhe um gostinho de sua primeira bebida. Chamando o garçom, eu paguei as doses, anonimamente, claro. Ele fez exatamente isso, falando a elas que era por conta da casa, e acenando para mim quando terminou.

Elas riram ao mesmo tempo, minha beleza de cabelos dourados radiante quando o álcool cobriu sua língua. Porra, ela parecia boa o suficiente para comer. Eu a observei através dos olhos encapuzados enquanto ela se afastava. Daquele dia em diante, minha obsessão começou.

Foi inocente no começo, eu quis ter certeza de que ela havia chegado em casa segura e foi por isso que eu assumi a responsabilidade de segui-la naquela noite. Na manhã seguinte, eu

não pude deixar de passar por sua casa, apenas para encontrá-la saindo para o trabalho, usando grandes óculos de sol que cobriam metade do rosto. Ela tropeçou nos degraus da escada, e o desejo de ter certeza de que ela estava bem, em mim novamente. Então eu caminhei com ela naquela manhã, certificando-me de ficar a poucos metros de distância para que ela não me notasse. Quando chegamos à pequena livraria, esperei um momento antes de entrar. Eu trabalhava remotamente longe casa, então possivelmente esse seria o lugar perfeito para eu passar o tempo. Esse foi o dia em que tudo começou, e todos os dias depois desse eu me certificava de que estava naquele café ao lado dela, mesmo que ela nunca tivesse me notado. Enquanto ela estava por perto, eu me sentia calmo, mas quando eu a perdia, o pânico se instalava.

A primeira vez que a perdi, eu perdi o controle. Que estupidez a minha, para perdê-la. Eu não sabia o que fazer. Eu precisava saber onde ela estava o tempo todo. Quando ela não voltou do banheiro, juntei minhas coisas e fui procurá-la, apenas para encontrá-la dando uns amassos com um dos gerentes do lado de fora do prédio. Eu assustei os dois e meu coração caiu ao vê-los. Meu sangue ferveu quando eu vi as mãos dele na bunda dela, seu uniforme escolar erguido acima de sua cintura. Eu não tenho certeza do que aconteceu comigo naquele momento, se foi o fato de que eu queria protegê-la, ou o fato de que eu não queria que ninguém mais a tocasse, mas naquele momento, eu vi vermelho.

Ela e definitivamente não estava esperando que alguém saísse e os encontrassem. Empurrando o homem para longe, ela abaixou a saia e correu para dentro do restaurante com seu lindo rosto escondido de mim. Eu odiei que ela sentiu a necessidade de fazer isso, que ela se sentiu envergonhada do que estava fazendo. O

bastardo arrogante simplesmente sorriu enquanto ele fechava as calças e se dirigia para mim.

—Eu vou te dizer, essa é uma boceta doce, — um sorriso presunçoso colado em seu rosto feio.

Algo se apoderou de mim naquele instante e perdi o controle. Agarrando-o pelo pescoço, eu o empurrei contra a parede de tijolos.

—Que porra é essa, cara! — Ele ergueu as mãos arrogantemente.

Apontando um dedo em seu rosto, toda minha fúria direcionada a ele. —Fique. Longe. Dela. Ou uma dessas noites eu te pagarei uma visita e te ensinarei exatamente o que significa foder com o que é meu.

—Eu não sabia que ela era su ...

Me Inclinando para a frente, pressionei todo o meu corpo em meu aperto e instantaneamente interrompi seu fluxo de ar. — Coloque um dedo nela, e você não terá mais um pau quando acordar.

Eu o observei enquanto ele lutava por ar, e depois de alguns segundos de satisfação, eu recuei. Tosses torturaram seu corpo enquanto ele lutava por uma respiração. Seus dedos se atrapalharam com a maçaneta da porta, olhando para mim com medo nos olhos enquanto tentava escapar. Eu simplesmente fiquei no lugar, com um olhar divertido no rosto enquanto passava minhas as mãos na frente da minha calça jeans.

Essa foi uma das primeiras vezes em que eu dei um aviso, mas havia vários outros idiotas que tentaram tocar o que era meu. Um deles, em particular, era de um tipo raro de idiota. Eu disse a ele para não colocar as mãos sobre ela, mas ele simplesmente não me ouviu. Pobre garoto. Ouvi dizer que ele sofreu um terrível acidente de motocicleta na estrada uns meses atrás. Seu corpo foi engessado devido ao incidente. Foi uma vergonha que ele não morreu. Apesar do fato de eu tê-lo avisado.

Dei a volta pelos pinheiros, escondido nas sombras enquanto esperava. Entrar não seria difícil, já que algumas semanas atrás eu tinha tomado a liberdade de fazer uma chave para mim. Minha garota pode ser extremamente bonita, mas ela vivia em seu pequeno mundo de fantasias. Eu a seguia há alguns meses e ela largava as chaves na entrada da livraria. Descuidada, é o que ela era. Avaliando ao meu redor, eu as peguei do chão e imediatamente fui para o serralheiro, onde eu obtive um conjunto idêntico de suas chaves. Uma hora depois, deixei as chaves na livraria, subi na bicicleta e fui até a casa dela, escondida nas montanhas. Era uma propriedade tranqüila, eu havia andado em volta dela algumas vezes, me familiarizando com os jardins. Entrar na casa seria fácil, ela era uma menina distraída que não dava ouvidos à mãe e sempre se esquecia de acionar o alarme antes de sair.

Sorte a minha.

Eu bisbilhotei seu quarto, passando horas a fio deitado em sua cama, sentindo o cheiro de rosas em seu travesseiro. Eu adorava sentir o aroma almíscar na delicada calcinha que ela deixava no chão. Se ela apenas soubesse que eu me masturbei pra ela, bem ali em seu quarto de infância. Eu sempre tomava cuidado para não tirar

nada do lugar enquanto eu procurava por seus pequenos pedaços, e finalmente encontrei o que eu mais cobiçava. O seu diário. Seus pensamentos pessoais escritos para eu me saciar. Ela se importava com coisas mesquinhas, relacionamentos amorosos superficiais que nunca satisfizeram suas necessidades. Ela tinha uma lista de quem ela queria foder, como e por quanto tempo. Ela também tinha uma lista muito interessante de desejos que falavam de atos pecaminosos. Um que eu ia ter certeza que se tornaria realidade para ela hoje à noite.

Uma hora após ela ter apagado as luzes, entrei na casa. Ela gostava de dormir nua, isso eu sabia por observá-la noite após noite. Eu gostava especialmente de ouvi-la gozar, o áudio nas câmeras tocando seus choramingos altos e claros, me deixando grosso e duro. Eu teria que levar as câmeras comigo hoje à noite. Eu sentiria falta de vê-la, mas era necessário. Eu não ousava deixar nenhuma evidência para trás. Se isso fosse funcionar, então eu precisaria apagar todos os vestígios que eu pudesse.

Eu tranquei a porta atrás de mim quando entrei em seu quarto. A lua cheia oferecia luz suficiente para eu me movimentar livremente e arrumar tudo. Ela nunca veria meu rosto, eu me certificaria disso. Minha voz seria resmungada pela máscara de esqui que eu escolhi usar, e com o capuz na minha cabeça, eu estaria irreconhecível.

Eu coloquei minha mochila na porta. Eu tinha tudo o que precisava escondido no quarto dela. Ajoelhado ao lado da cama, eu congelei. Ela parecia tão angelical deitada lá, tão pacífica, sem o conhecimento do que eu estava prestes a fazer com ela. Eu sorri, escovando um fio de seda do seu rosto delicado. Seus longos cílios

caíam no topo de suas bochechas rosadas, seus lábios cor-de-rosa entreabertos e suas suaves respirações melódicas no profundo silêncio.

Recuperando as correias pretas debaixo da cama, comecei a trabalhar. Eu prendi as correias ao redor dos postes de madeira em cada canto da cama. Comecei com o braço direito, enrolando delicadamente as correias em volta de um pulso e depois do outro. Preparar sua forma lindamente inocente para minha filmagem foi provavelmente a cena mais excitante que eu já vi. Meu corpo vibrava de excitação, uma emoção fortalecendo minha adrenalina. Eu não podia esperar para ouvi-la gemendo enquanto afundava meu pau nela. Eu usava o mínimo possível sob as minhas roupas, e acariciei meu pau que estava esticando minha calça. Tentei apertar a pulsação antes de voltar ao que estava fazendo.

Pequena raposa distraída.

Tirando o cobertor dela, eu quase gemi quando seu corpo foi exposto a mim. Seus mamilos enrugados e tensos, o rosa de suas auréolas um pouco mais escuras perto dos picos endurecidos. Sua pele cremosa e delicada brilhava ao luar e eu lutei contra a vontade de tocá-la.

Ainda não.

Paciência.

Quanto mais eu puxava o cobertor, mais eu revelava ao meu olhar lascivo, até que ela estava diante de mim em apenas com sua calcinha rosa.

Provocante.

A fenda da boceta dela estava marcada através do material macio. Quando corri minha língua por ela, tive a certeza de que ela sentiria isso. Puxando as correias ao pé da cama, eu me assegurei de que elas estavam seguras. Agarrando cada tornozelo, tomei meu tempo fixando-os em torno de seus pés. Apenas o suficiente para que ela pudesse se mover, mas não o suficiente para escapar. Quando terminei de apertar as correias e posicioná-la, dei um passo para trás e admirei meu trabalho.

Lentamente, eu abri o zíper do meu moletom, não usava camisa por baixo, querendo ter certeza de que iria sentir seu calor contra o meu peito nu. Eu me arrastei para a cama, deslizando entre suas coxas abertas. Era isso, o momento que eu estava idealizando na minha cabeça, estava prestes a chegar ao seu ponto culminante. A acordar com a minha língua enterrada dentro dela a chocaria totalmente, mas eu não pararia até que ela estivesse me implorando. Eu precisava ouvi-la implorar. Eu não sairia até que eu fizesse.

Eu não podia esperar mais, e pressionando meu nariz naquele material macio, eu inalei o seu cheiro. Eu esfreguei gentilmente a fenda úmida no material delicado com o nariz, inspirando seu perfume familiar de lavanda misturado com almíscar. Eu a lambi, minha língua se deleitando com a suavidade. Eu mal podia sentir o gosto dela, mas gostei da sensação contra a minha língua. Ela gemeu suavemente em seu sono e mudou seus quadris para o lado. Eu sorri, sabendo que seria apenas uma questão de tempo antes de eu ter seus lindos olhos nos meus.

Cuidadosamente, eu deslizei sua calcinha para o lado, meu pau se contraiu em apreciação da visão de sua boceta nua. Seus lábios

inchados, raramente usados, que eu sabia de fato. Ela gostava de provocar e fantasiar, mas ela não teve um pênis nela desde que eu coloquei os olhos nela pela primeira vez. Minha curiosidade foi atingida. Eu queria saber se ela já teve o prazer de ser esticada e fodida corretamente. Ela era uma provocadora necessitada, e alguém precisava colocá-la em seu lugar.

Minha língua mergulhou em seus lábios macios de veludo, flutuando ao redor e saboreando seu mel. Eu me demorei, permitindo que seu néctar penetrasse no meu paladar. Lentamente eu viajei ao longo de sua fenda, sentindo-a inchada. Oh, ela era uma garota malvada, querendo minha língua enquanto dormia.

Acorda garota safada. Papai veio e quer brincar.

Eu apertei meus lábios em seu clitóris e chupei. Instantaneamente seus quadris se levantaram, e seus olhos se abriram enquanto eu sacudia minha língua em rápida sucessão contra o seu duro botão.

Seu grito foi quebrado, uma mistura de choque e prazer, e embora eu soubesse que ela gostou, ela lutou comigo. Suas pernas estavam chutando, não encontrando nenhuma tração enquanto eu segurava suas coxas abertas para mim, chupando sua boceta inundando minha língua. Quanto mais ela lutava, mais meu aperto aumentava, até que ela gritou.

—Não! Nãooooo, — a palavra caindo em um gemido necessitado enquanto seus quadris se contraíram em minha boca e eu comia seu gozo. Ela gozou tão docemente, seu corpo ondulando sensualmente abaixo de mim. Suas coxas se separaram voluntariamente enquanto ela se esfregava na minha boca, e eu

aproveitei, lambendo seu sexo, prolongando seu clímax o máximo que pude. Meu pau latejava quando ela gozou na minha língua, e eu bati meus lábios, fazendo um show de quão bom era seu gosto.

Levantando minha máscara de volta pela minha boca, eu rastejei sobre ela. —Olá Lillith, — eu falei, minha voz abafada pelo material.

Ela gritou quando meu peito nu passou sobre dela, sobre os seixos apertados que se tornaram seus seios. Agarrando a faca cega que coloquei no meu bolso mais cedo e abrindo-a diante de seus olhos, observei o medo se instalar. Colocando a faca em sua garganta, a extremidade opaca pressionada contra o pescoço delicado, ela finalmente parou para mim.

—Grite o quanto quiser, você sabe que ninguém vai te ouvir. É só você e eu. E quero que você grite por mim.

Eu podia sentir o medo aumentando enquanto ela se mexia, tentando me derrubar, mas eu apenas segurei seus quadris para baixo, forçando suas pernas abertas com minhas coxas deslizando um dedo dentro de sua vagina. Pressionando a faca, seus lábios se abriram, sua respiração engatou e eu observei minha mão desaparecer em suas profundezas. Dentro e fora, sua boceta ficando cada vez mais molhada enquanto eu a fodia com o dedo. Ela continuou a levantar os quadris, lutando comigo com cada fibra de seu ser. Eu gostei disso, que ela tinha aquela luta dentro dela. Se ao menos ela a usasse para progredir na vida, em vez de acabar em empregos sem futuro e com homens caloteiros.

—Você gosta de ser fodida por estranhos? Eu sei que você gosta, —eu sussurrei em seu ouvido enquanto eu fodia seu buraco apertado.

—Oh, por favor, por favor, não, — ela balançou a cabeça, as lágrimas caindo pelas bochechas enquanto ela me observava. Seus olhos caíam na minha mão de vez em quando e eu podia dizer que, embora ela estivesse lutando, ela estava gostando do meu toque. Era o que ela queria esse tempo todo.

—Você gosta de provocar homens. Não gosta, Lilith. Mostrando-lhes vislumbres desta pequena boceta apertada, mas nunca dando. Mas eu não estou aqui para pedir, Lilith. Estou aqui para pegar.

Ela gritou quando meus dedos se enrolaram contra o seu ponto doce e ela lutou contra as correias, as puxando e empurrando enquanto seu corpo a traía. Suas coxas se abriram por vontade própria quando outro orgasmo a consumiu.

—Boa menina! Goze para mim sua menina safada!

Seu grito foi um cruzamento entre agonia e rendição. Prazer forçado correndo por ela. E enquanto seus olhos se fechavam, eu me libertei, acariciando meu pau para ela. Só para ela. Seus olhos se arregalaram, e o medo a percorreu fazendo sua boceta apertar meus dedos. Suas pernas começaram a chutar quando eu me aproximei dela e removendo meus dedos, eu os substituí com a cabeça do meu pau. Ela congelou e seus brilhantes olhos cor de avelã capturaram os meus.

Eu arrastei a lâmina através de seu osso da bochecha até seus lábios. —Por quê? — Ela sussurrou, com seus lábios tremendo. — Por que eu?

—Porque menina doce, sempre foi você.

Enquanto afundava meu pau nela ela gritou, seu corpo levantou e se abriu me permitindo afundar mais nela. —Pooorra, — eu rugi quando meu pau estava envolto em seu calor. —Você é tão gostosa doce menina.

—Oh meu Deus, — ela soluçou, lágrimas escorrendo pelo seu rosto enquanto eu a levava. Seu corpo atormentado por soluços, ainda assim sua fenda estava escorregadia com seu gozo. Tomando cada centímetro de mim uma e outra vez.

—Por favor, — ela choramingou. O desespero em sua voz não passou despercebido, pelo contrário, eu queria mais disso.

Eu agarrei seu queixo e forcei seus olhos a encontrar os meus. —Diga, — eu gritei enquanto lutava por controle.

—Por favor pare!

Eu bati na bochecha dela levemente e segurei seu queixo novamente. —Isso não é o que eu quero ouvir. Implore.

—Por favor, — ela soluçou, e eu bati de novo, um pouco mais forte desta vez, o suficiente para assustá-la, mas não machucá-la.

—Se você implorar, eu vou embora.

Ela parou, sua boceta pulsando ao meu redor. Ela fungou, os soluços cheios de lágrimas enchendo o ar. —Você promete. Você vai embora?

Eu balancei a cabeça. —Eu vou embora, apenas me diga o que eu quero ouvir.

Ela concordou com a cabeça e quando as palavras escorregaram seus lábios, a vergonha encheu seu rosto. —Sim. Eu quero isso.

—Implore! — Eu bati meus quadris nela e ela gritou, agarrando as correias enquanto eu a fodia duro. Nossos corpos escorregadios de suor, seus gemidos cheios de necessidade.

—Por favor, me foda! — Ela gritou, ela virou o rosto corado para longe de mim enquanto eu fodia ela mais forte, mais rápido, agarrando seus quadris e guiando meu pau profundamente dentro dela.

Ela choramingou e gritou quando gozou em baixo de mim. Seu corpo convulsionando em torno do meu pau e sugando cada gota de esperma que eu tinha acumulado para ela durante todo o ano. Eu gritei minha libertação, sentindo a essência da minha vida sair de mim e ir para ela. Caindo sobre ela, balancei meus quadris contra seu monte suculento, ouvindo ela chorando embaixo de mim.

—Você disse que iria embora. Por favor. Saia.

Seus tremores e soluços me percorriam como suaves ondas de tristeza. —Tudo vai ficar bem, — eu murmurei contra sua têmpora, segurando-a enquanto eu aproveitava tê-la em volta de mim.

—Por favor. Saia.

Eu me afastei e olhei para ela, seu rosto ainda estava virado para longe mim e eu sorri. —Vou embora por agora minha doce menina, mas eu voltarei. Eu voltarei para você.

Ela gemeu baixinho quando eu me puxei para fora dela, sua boceta apertando e abrindo enquanto eu acariciava meu pau mais uma vez, deixando a última gota cair em seus lábios. Puxei minha máscara e beijei sua bochecha, passando minhas mãos pelo seu corpo e enchendo-as com seus seios. Ela choramingou quando eu os puxei e os amassei, seu corpo necessitando do meu toque.

Deslizando para fora da cama, escondi meu rosto mais uma vez. —Vou soltar seu pulso direito. Conte até cem antes de remover o resto.

Cuidadosamente, desfiz a amarra e observei a mão dela cair no colchão. —Você vai ver minha linda garota, tudo isso foi feito para você.

Eu escorreguei de volta para a escuridão. Os pinheiros altos servindo como cobertura, escondendo minha bicicleta. Quando a peguei, fui em direção à estrada principal. O vazio me consumiu enquanto eu desaparecia ao longo da estrada longa e solitária, sem deixar vestígios de que eu estive lá.

1

LILITH

SEIS MESES DEPOIS....

Me embrulhando no meu grande casaco preto, eu levanto o capuz sobre a cabeça e saio para a tarde escura e cinzenta. Já estava quase anoitecendo e eu precisava chegar em casa antes de escurecer. Eu não poderia ficar nessas ruas quando o sol desaparecesse. Eu simplesmente não podia.

Eu corri pelos poucos quarteirões até o ponto de ônibus, onde algumas pessoas já se movimentavam, esperando, animadas enquanto falavam de seu dia. Deslizando os meus fones de ouvido, liguei a música e abafei as risadas.

Risadas.

Eu não conseguia me lembrar da última vez que ri com vontade, muito menos da última vez que sorri. Depois daquela noite, toda a minha existência se tornou um borrão escuro. Dia após dia, vivi através da confusão, mas tudo o que sentia era dormência. Eu nunca contei a ninguém sobre o que aconteceu naquela noite, nem uma alma, nem mesmo para minha mãe. Ela não estava muito por perto ultimamente, e é por isso que eu decidi que precisava sair daquela casa. Eu não podia mais ficar lá. Eu comecei a vê-lo em todos os

lugares e eu simplesmente não agüentava mais. Toda vez que meus olhos se fechavam, os seus escuros se materializavam. Eu temia que suas palavras fossem a verdade.

E se ele voltasse por mim?

Eu simplesmente não poderia dar a ele outra oportunidade. Ficar naquela casa só me deixaria mais suscetível a outro ataque e eu não poderia fazer isso comigo. Meu mundo mudou drasticamente desde aquela noite. Eu não queria ninguém me tocando, muito menos falando comigo. Eu mal dormia, mal comia. Com sombras escuras sob meus olhos eu me impedia de cair no sono profundo. Não foi apenas seus olhos que vi, foram as suas mãos que senti, sua boca em mim, e como todas essas sensações combinadas com o medo, me forçaram ao orgasmo uma e outra vez.

Eu não tive controle sobre o meu corpo. Eu senti repulsa por mim mesma. Envergonhada pelas minhas reações, desconcertada que mesmo agora, depois de tanto tempo, eu ainda não podia ficar perto de outro homem. O tempo em que passei com minha mãe, pude ver a preocupação em seus olhos. Ela estava constantemente me fazendo perguntas, tentando descobrir o que havia de errado comigo.

Você não se veste como costumava se vestir.

Por que você não sorri, monchérie?

O que há de errado? Fale comigo.

Ela continuou tentando descobrir exatamente isso. O que havia de errado com a sua filha? Eu não podia culpá-la. Algo estava definitivamente errado comigo. Tudo estava tão errado.

Pegando um assento na parte de trás do ônibus, eu me enrolei no canto. Inclinando-me para o lado, pressionando a testa contra a frieza do vidro. Havia um casal, alguns assentos à minha frente, que pareciam que estavam em uma conversa profunda. De vez em quando ela ria, e eles sussurravam um para o outro enquanto eles davam as mãos. De vez em quando, ele se inclinava e beijava sua bochecha. Eles pareciam felizes. Apaixonados. E eu me senti ansiosa para ter esse sentimento de volta, me perguntando se isso poderia ser uma possibilidade.

Foi então que o homem entrou no ônibus. Meus olhos encontraram os dele e, naquele breve instante, nos conectamos. Por alguma razão, seu olhar penetrante e intenso me segurou suspensa e eu não conseguia desviar meu olhar. Ele sorriu para mim, um sorriso gentil, e então sentou-se à minha esquerda, virado para mim. Ele não tinha um rosto desconhecido, eu o vira antes, todas as noites na verdade, desde que comecei a pegar o ônibus para casa.

O notei no primeiro dia em que eu entrei. Uma multidão de pessoas ficou no meu caminho e, de repente, fui empurrada para a frente, lá estava ele. Ele não era difícil de perder. Alto, de ombros largos, com sobretudo preto que sempre se abria ao seu redor enquanto a sua silhueta ficava na entrada. Seu cabelo de corvo negro, cortado curto, mas não tão curto que você não pudesse passar os dedos por ele. Ele tinha mais de vinte e dois anos, talvez trinta e tantos anos ou até quarenta e poucos anos. Ele era incrivelmente bonito. Ele era o tipo de homem em quem eu colocaria meus olhos antes de me tornar um fantasma de mulher. Tenho certeza de que ele estava acostumado com a atenção, ele era o tipo de homem que a recebia apenas entrando em uma sala. Mas havia algo mais sobre ele, algo que eu senti por

causa do seu comportamento. Tão quieto quanto ele era, por mais gentil que parecesse, seus olhos seguravam essa crueza, esse apelo que me puxava para ele, e essa força era forte. Isso me perturbava, mas eu me encontrei curiosa sobre ele.

Desde aquela noite, eu não consegui sequer olhar para um homem, quanto mais falar. Eu tinha mudado completamente, até o jeito de me vestir. Eu usava cores discretas, limitando ao esquema cinza e preto, e roupas folgadas que escondesse minha forma feminina. Qualquer coisa que afastasse a atenção de mim. Quanto mais eu desaparecia, mais segura eu me sentia. Na maior parte do tempo, funcionava. As pessoas tinham a tendência de andar ao meu redor, me evitando. Meus amigos me descartaram, meus colegas de trabalho mal falavam comigo. No final, as pessoas que eu achava que sempre estariam ao meu lado, foram as primeiras a darem as costas para mim.

No entanto, com tudo isso, com a aparência monótona, sem graça, ele sempre parecia fixar os olhos em mim. E ele sempre tinha um sorriso gentil para mim. Eu nunca o ouvi falar, nem me cumprimentar, ele simplesmente se sentava perto de mim, seus olhos grudados em seu telefone durante as seis paradas que compartilhávamos. Então, junto com todos os outros passageiros, ele saia e eu ficava para outra parada.

Eu sempre estive ciente de sua presença. Era enervante, uma lembrança quase desagradável de quem eu costumava ser. Um flerte. Uma mulher que nem percebeu o que estava fazendo até que fosse tarde demais. Lágrimas ameaçaram cair mais uma vez. Isso se tornou uma prática comum, as lágrimas agora eram parte de quem eu era, elas eram uma parte da minha rotina diária. Sem elas, eu

provavelmente cederia à dormência. Então de certa forma, ficava feliz por elas. Isso significava que eu ainda podia sentir dor.

O ônibus deu um solavanco e parou. Com o canto do olho, eu o observei em pé enquanto os freios do ônibus soavam, sibilando sua liberação, ecoando ao nosso redor. Ele estava atrás de mim, seus longos dedos em volta da barra de metal. Eu olhei fixamente para a mão dele, a poucos centímetros de mim. Ele tinha as unhas aparadas e mãos musculosas. Seu cheiro me atingiu, e eu fechei meus olhos e o cheirei. O cheiro sutil de sabonete, mascarado pelo cheiro de seu perfume caro, estranhamente me confortava. Isso durou apenas um momento, mas quando eu reabri meus olhos, ele tinha ido embora.

Mudando de lugar, eu notei que onde ele estava sentado, que deveria estar vazio, estava o que deveria ser aquele telefone precioso que ele sempre tinha com ele. Por instinto, eu o agarrei, e enquanto as portas se fechavam, saí do ônibus e entrei na rua vazia. Eu podia ver seu casaco ondulando ao seu redor quando ele virou a esquina. Corri atrás dele, tentei chamá-lo, mas ele já estava muito longe. Cheguei tarde demais e ele desapareceu rapidamente. Quando finalmente parei, percebi que tinha saído do meu caminho. O ponto de ônibus ficava a quase cinco quarteirões de distância e o sol estava se pondo rapidamente. Comecei a tremer, já sabendo que não ia chegar em casa antes do anoitecer. Deslizando o telefone no bolso do casaco, corri o mais rápido que pude. O ônibus quase me deixou enquanto eu batia meus punhos contra a porta. Assustado, o motorista do ônibus me encarou de volta, e implorei para ele me deixar entrar. Relutantemente, ele abriu a porta e eu pulei dentro do ônibus.

—Calma aí, — ele murmurou enquanto eu deslizava meu cartão através da cancela de pagamento. A luz ficou vermelha e eu encontrei o olhar do motorista, seu olhar irritado e o meu cheio de preocupação.

—Oh, por favor, por favor, por favor, — eu sussurrei para mim mesma e a luz ficou vermelha novamente.

Eu olhei para o homem e ele balançou a cabeça. —Apenas sente-se e fique quieta.

—Oh, obrigada! Obrigado!

Ele assentiu enquanto eu me sentava atrás dele. Eu puxei meu capuz sobre a minha cabeça, ignorando todos que olhavam para mim. Liguei minha música, o som da voz de Kurt Cobain enchendo minha cabeça enquanto eu desligava todos os olhares de julgamento.

***

Quando saí do ônibus, a escuridão imediatamente me consumiu. A única luz vinha de cima do ponto de ônibus. Meu apartamento ficava a apenas três quarteirões de distância, mas devia ser a caminhada mais longa de três quarteirões da minha vida. A noite não era minha amiga, coisas más aconteciam à noite, pessoas más saíam para ferir e arruinar aqueles que eram mais fracos. O bairro estava ameaçadoramente silencioso e, no escuro, a caminhada de dez minutos foi angustiante para mim.

Ligando a música, os Counting Crows me acompanharam enquanto eu corria pelas ruas vazias. Correndo de poste de luz para poste de luz apenas para ganhar um pouco de luz. Alguns dos postes

estavam apagados e eu me concentrei nos blocos de concreto debaixo dos meus pés. O som de um carro em alta velocidade me fez pular, e eu saí, lutando com as minhas chaves enquanto eu subia correndo as escadas para o meu apartamento.

Meu coração bateu forte no meu peito. Era sempre a mesma coisa, como se eu pudesse sentir alguém me observando a cada movimento, me seguindo a cada passo. Batendo a porta atrás de mim, me certifiquei de girar cada uma das cinco fechaduras que eu tão cuidadosamente coloquei nela. Eu me virei, caindo contra a porta, meus dedos encontrando o interruptor de luz e ligando-o. A sala se iluminou com uma luz suave e fraca. Era um apartamento pequeno, mas eu o transformei em minha casa. O grande quadro de Bansky que eu havia comprado estava pendurado acima do grande sofá branco. A cozinha, com seus pequenos armários pretos, estava à minha esquerda. Tudo estava quieto, tudo era calmo, tudo menos eu. Eu caí no chão com um baque alto, minhas respirações saindo em uma corrida profunda quando eu finalmente desmoronei. As lágrimas encheram meu corpo, minha ansiedade, meus ataques apenas se tornando piores.

Deitei ali, encolhida no chão de madeira, perdendo a noção do tempo. O telefone tocando que me trouxe de volta à realidade. Demorei um momento para reagir e, pegando o telefone que escondi no bolso, olhei para o número desconhecido na tela.

Atenda.

Não, não deveria, não é meu telefone.

Mas e se for ele.

Meu dedo pairou sobre a flecha verde, e no quarto toque eu o abri e pressionei o telefone no meu ouvido.

—Olá.

Sua voz era um estrondo profundo que me pegou desprevenida. Um calafrio me percorreu e uma sensação de familiaridade encheu meu corpo.

—Eu posso ouvir sua respiração, — ele parecia divertido.

—Eu-eu sinto muito, — eu sussurrei, minha voz estava rouca de chorar.

—Você pegou meu telefone.

—Oh, sim. Você deixou no ônibus.

Houve um longo momento de silêncio até que ele falou. —Você é a garota, certo? A de capuz preto?

Meus olhos se arregalaram em choque.

Como ele sabia?

—Sim. Esta sou eu.

Ele deu um profundo suspiro exausto antes de responder. — Olha, eu sei que isso é de última hora, mas você acha que podemos nos encontrar amanhã?

—Encontrar? — A ansiedade correu através de mim parecendo um tijolo pesado pressionado contra o meu peito, e eu lutei para afastá-lo.

—Eu tenho uma reunião ao meio-dia, então talvez possamos nos encontrar mais cedo, por volta das oito ou nove?

—Ummm ... — Eu realmente não sabia o que dizer, então fiquei quieta.

Os segundos passaram e ele quebrou mais uma vez o silêncio desconfortável. —Eu sinto muito. Eu deveria ter perguntado seu nome.

Me apoiando na porta, eu me levantei e fui até a janela. Olhando para a noite eu fechei meus olhos e deixei sua voz me cobrir. Ele tinha essa tranqüilidade profunda em seu tom, quase divertido. Ele tinha um profundo sotaque sulista com um leve sotaque de Nova Orleans. Era quase reconfortante ouvi-lo falar.

—Eu sou Adrien. Adrien Blackhart. É um prazer finalmente conhecê-la.

—Eu-eu sou Lilith, — eu sussurrei.

—Prazer em conhecê-la, Lilith. É bom colocar um nome para um rosto tão bonito.

Sua fala arrastada me lembrou daqueles cowboys da Marlboro de antigamente. Eu podia imaginá-lo usando um chapéu de abas largas, jeans, botas, o pé empoleirado contra uma cerca de madeira. O típico herói, um homem de uma boa família que não faria mal a ninguém.

—Há um café na esquina na minha parada. Você acha que pode encontrá-lo?

—Sim, eu acho que posso fazer isso.

—Ótimo! Então eu vou ver esses lindos olhos amanhã. E Lilith?

—Sim, — eu fechei meus olhos mais uma vez, sua voz me acalmando. —Muito obrigado por manter meu telefone seguro. Tenha uma boa noite, querida.

—Sim senhor. Você também.

A linha ficou em silêncio e eu abaixei o telefone, o embalando no meu peito. Sua voz grave foi reconfortante e a conversa fluiu com facilidade, como se ele me conhecesse há muito tempo. Eu acho que ele conhecia. Nós nos víamos quase todos os dias, mas nunca nos falávamos. Me assusta, que ele se lembrasse de mim, ele disse que eu tinha um rosto bonito. Como assim, se eu sempre estava escondendo meu rosto? Balançando a cabeça, pensei comigo mesma: *Ele é apenas um cowboy, Lilith.*

Talvez se eu pensasse nele desse jeito, eu poderia ser capaz de ter uma conversa normal com um ser humano.

Ele não vai te machucar.

Ele é apenas um cowboy.

2

ADRIEN

Sentada a minha frente provavelmente era a ave mais frágil que eu havia colocado meus olhos. Uma coisinha doce também, frágil e delicada, como uma boneca de porcelana. Quando a luz do sol bateu em seus olhos, eles acenderam na cor de brasas em chamas. Eu tinha certeza de que desviar o olhar só traria uma profunda devastação. Filetes de seu cabelo loiro traçavam suas bochechas rosadas e eu desejei que ela removesse o capuz e me permitisse ver aquele longo cabelo loiro que ela mantinha tão bem escondido.

Ela mordiscou um bolinho de chocolate, evitando o meu olhar, e eu a observei sobre a borda da minha caneca enquanto eu tomava meu café. Ela não falou muito, para ser honesto, eu não esperava que ela falasse muito também. Na época em que eu a conheci, ela realmente nunca disse uma palavra, gostava de desaparecer na parte de trás do ônibus, e se você não estivesse prestando atenção, ela na verdade desaparecia. Eu fiquei fascinado por ela na primeira vez que vi aqueles lindos olhos. Aquela cor dourada que a entregava, revelando a sua dor para todos ao seu redor. Quando eles pousaram em mim, tive uma sensação estranha. Como se ela precisasse de proteção, ela estava praticamente gritando isso. Eu podia sentir seu desconforto em torno de estranhos e naquele primeiro dia, eu não sei por que, mas senti uma conexão quando me

sentei perto dela. Algo não dito e real emanou entre nós, e eu usei isso como uma desculpa para sempre me sentar próximo a ela.

Eu não precisava andar de ônibus, esse dia foi uma coincidência. Meu carro precisava ir para oficina há meses e eu tive que pegar o transporte público para voltar ao escritório. Mas ela me cativou, e eu não pude deixar de querer ver seu rosto novamente, então fiz questão de pegar o mesmo ônibus uma e outra vez. Eu não sei como explicar isso. Acredito que as pessoas têm uma energia que espalham pelo mundo, ter ficado perto de tanta negatividade por mais da metade da minha vida, sua luz era uma lufada de ar fresco. Eu não pude deixar de ser atraído por ela, como uma mariposa para uma chama brilhante, mas a sua chama tinha escurecido um pouco. Ela chamou a minha, agarrando-se desesperadamente e me forçando a ficar ao seu lado. Não havia como escapar disso, nem eu poderia levar isto como um assunto qualquer, não. Ela precisava de consolo. Eu tinha certeza disso.

—Qual é o seu trabalho?

Eu levantei uma sobrancelha, divertido com a sua pergunta. Foi a primeira vez, em vinte minutos, que ela demonstrou algum interesse em mim. O que era bom, porque eu realmente não gostava de falar muito sobre mim mesmo. O silêncio era reconfortante.

—Eu sou um engenheiro.

—Como, com computadores?

Eu achei sua curiosidade fofa. —Sou engenheiro civil.

Ela assentiu e voltou a mordiscar seu muffin. Eu olhei para ela por um longo momento e finalmente me inclinei para frente, cruzando as mãos na mesa.

—Onde você trabalha?

—No escritório.

Eu quase ri de sua imprecisão. —E o que você faz no escritório?

Seus olhos encontraram os meus, hesitação emanando deles. A cautela cruzou as feições por um breve momento antes de desaparecer.

—Inventário. Eu sou boa com números, arquivando, ajudando, atendendo telefones.

—Bem, você é boa em atender telefones. — Eu provoquei. Um fantasma de sorriso varreu seus lábios. Não durou muito tempo, mas fiquei feliz por tê-lo provocado.

—Você gosta do seu emprego?

Ela encolheu os ombros. —Na verdade não. Um emprego é um emprego, paga as contas.

—Sim, suponho que sim. Mas todo mundo tem uma paixão. Você tem uma paixão, Lilith?

Seus olhos vagaram para a porta, onde os sinos tocaram anunciando a entrada de um novo cliente. Um casal entrou e seus olhos voltaram para as suas mãos.

—Eu costumava ter.

Sua voz caiu uma oitava, ressoando uma profunda tristeza que ela mantinha escondida. Ela me puxou para ela novamente e mais uma vez eu me encontrei ficando perdido por ela.

—Trabalhe para mim.

Seus olhos subiram para os meus, surpresa brilhando neles. —Desculpe, o que?

Eu sorri. —Venha me encontrar amanhã, — eu peguei meu cartão de visita e deslizei para ela. Ela o levantou e o leu.

—Adrien Blackhart, CEO da Blackhart & Associates.

Eu balancei a cabeça. —Eu preciso de uma nova assistente. A que eu tinha saiu em licença de maternidade e ela não estará voltando tão cedo.

Ela colocou o cartão para baixo e levou o bolinho aos lábios. —Possivelmente eu não poderia aceitar.

—É uma ótima oportunidade. Eu posso oferecer grandes benefícios e dobrar seu salário.

Seus olhos se arregalaram quando ela deliberou. —Dobrar?

Eu balancei a cabeça. —Sou CEO, lembre-se que tenho o poder para fazer isso.

Ela colocou o muffin para baixo e limpou as mãos em um guardanapo. Ela levantou o rosto e encontrou meus olhos. —Por que você está fazendo isso? Você não me conhece. Esta é a primeira vez que nos encontramos. Por quê?

Eu me inclinei para trás na cadeira, apoiando meus braços sobre o peito. Meus olhos traçaram as curvas de seu rosto, demorando em seus lábios. —Porque você me cativou.

—Me desculpe, — ela mal sussurra.

—Você me intriga, Lilith. Eu quero te conhecer. Eu quero te ajudar.

—Eu não preciso da sua ajuda, — ela se levantou mostrando uma tenacidade que eu sabia que ela tinha dentro nela. Eu assisti enquanto ela vasculhava sua bolsa e tirava uma nota de dez, colocando-o na mesa.

Eu balancei a cabeça e a entreguei de volta para ela. —Fica por minha conta.

Franzindo a testa, ela me ignorou. —Eu não aceito *ajuda* de homens estranhos.

Quando ela passou por mim, eu agarrei a mão dela. Uma corrente elétrica correu pelo meu braço por causa do calor que emanava dela. Seus dedos flexionaram, mas ela não se moveu. —Por favor, considere minha oferta. Eu não estou aqui para te machucar, Lilith. Eu só quero te agradecer.

Sem dizer uma palavra, seus dedos deslizaram através dos meus quando ela saiu para o ar frio da manhã. De onde eu estava sentado, observei-a fechar o casaco, enfiar as mãos nos bolsos e, com os ombros caídos, se afastar.

Ela era uma mulher bonita, eu não entendia porque ela sentia a necessidade de se esconder. Eu não conseguia tirar os seus olhos da

minha cabeça, até mais tarde naquela noite enquanto estava sozinho na cama. Esses lindos olhos âmbar olhando para mim, e seu rosto bonito ressoando em meus pensamentos.

De bom grado me coloquei no caminho desse anjo quebrado, um que precisava da minha ajuda. Não importava por que ela chegara àquele ponto, nem o que havia acontecido para que ela sentisse a necessidade de se esconder. Tudo que eu sabia era que eu queria ajudá-la a encontrar quem ela foi uma vez. Eu precisava vê-la brilhar mais uma vez.

3

LILITH

A rotina monótona estava finalmente começando a me aborrecer. Acordar, ir para o trabalho, tentar chegar em casa antes de escurecer, comer e ficar acordada o máximo de tempo possível. Esta era a minha tentativa ter uma vida normal, ou o mais normal possível. Na noite passada eu finalmente dormi. Pela primeira vez em meses, eu finalmente tive uma noite inteira de sono. Acordei assustada, sentindo como se alguém estivesse me observando. Meus olhos procuraram nas sombras do meu quarto, mas não havia ninguém lá. Fiquei lá por um minuto, tentando juntar meus sonhos, mas quanto mais eu fazia, mais eles se desvaneciam. A única coisa que permaneceu na minha memória eram os olhos de Adrien. Aqueles penetrantes e profundos olhos verdes maçã que de alguma forma assumiram meus pensamentos. O tom suave de sua voz quando ele entrou na sala, me acalmando em vez de me assustar. Ele de algum jeito tomou essa forma, e eu não tinha idéia do que fazer com isso.

Adrien estava em minha mente todos os dias desde que eu o conheci. Eu achei estranho que ele não pegasse mais o meu ônibus. Eu até tentei uma vez esperar por um ônibus mais tarde, mas ele não estava lá, e eu sofri para chegar em casa antes do sol se pôr. De certa forma, senti falta da sua presença. Era uma sensação

estranha, a de sentir falta de alguém que não era próximo de você, mas eu sentia.

Ele foi a primeira pessoa com quem eu tive uma conexão em meses. A única pessoa que reconhecia minha existência. Sua intensidade me assustava, mas o que me assustava mais era perdê-lo. Eu quase fiquei louca pensando sobre o que fazer, e é por isso que eu estava na frente de seu prédio esta manhã.

Depois que ele me ofereceu o emprego, eu não sabia como proceder. Por um lado, eu não confiava nas pessoas, muito menos nos homens. Em segundo lugar, eu odiava mudanças, mais agora do que antes. Minha ansiedade sempre aumentava quando eu era forçada a sair da minha zona de conforto. Levei um tempo para aceitar a mudança e, quando fiz isso, tive que fazer no meu tempo e no meu próprio ritmo. Mas se alguma vez houvesse um tempo para aceitar uma mudança, seria agora.

Eu respirei fundo enquanto entrava no prédio, pegando o elevador até o sexto andar. Estava quieto quando cheguei. Uma jovem atrás do balcão da recepção sorriu brilhantemente para mim, me dando as boas-vindas à empresa.

—Quem você está aqui para ver?

—Eu tenho um compromisso com Adrien Blackhart. Bem, não é um compromisso, mas acho que ele poderia estar me esperando. — Eu tropecei nas minhas palavras e quando terminei, ela me deu um olhar vazio, piscando lentamente antes de voltar a digitar no teclado.

—Você precisa marcar um horário, senhorita.

—Não. Eu sei. É que... — Fechei os olhos tentando me manter calma. Este homem estava me colocando em situações das quais eu não fazia parte há tanto tempo, que até me esqueci de fazer algo tão simples como marcar um horário.

—Lilith, — aquele profundo sotaque sulista atravessou o corredor vazio, nos assustando. —Você veio, querida.

Eu o olhei enquanto ele deu um passo na minha direção. — Venha, vou lhe mostrar o meu escritório. — Ele se concentrou na secretária, com um olhar frio. —Nina, por favor, segure todas as minhas chamadas.

—Sim, senhor. — Ela disse com a voz suave, um enorme contraste com tom áspero dele, como se ele estivesse chateado por ela ter me mantido longe dele.

—Por favor, — ele estendeu o braço, gesticulando para que eu fosse até ele. Eu hesitei por um momento, eu tinha esquecido o quão grande ele era. Em seu terno preto sob medida, ele parecia ainda mais imponente do que eu lembrava. Quando me aproximei ao seu lado, ele colocou uma das suas mãos grandes nas minhas costas e eu me segurei, um grande arrepio ressoando através do meu corpo ao sentir o toque de outra pessoa. Foi a segunda vez que ele me tocou e eu não recuei. Obriguei-me a respirar fundo e deixar que ele me levasse por um longo corredor até chegarmos a uma sala de conferências no final do corredor. Grandes paredes de vidro abrangiam um lado da sala, e das janelas do chão ao teto na extremidade oposta, havia uma vista da cidade ao longe.

—Estou feliz que você veio. — Ele fechou a porta firmemente atrás de nós e trancou-a. —Eu estava desistindo de ter esperança.

—Eu não sabia por que você me ofereceu o emprego. Eu estava apreensiva em aceitar.

—Então, isso significa que você ainda está hesitante? — Ele gesticulou em direção a uma cadeira e esperou que eu a pegasse antes de se sentar.

—Isso significa que eu quero saber os detalhes desse emprego. O que ele implica, quais serão meus deveres, as horas. Eu tenho certos horários que preciso cumprir.

Ele acenou com a cabeça, seus olhos vagando sobre mim enquanto ele se sentava na cadeira de encosto alto. Eu me contorci no assento, sentindo os seus olhos em cada centímetro meu.

—Em primeiro lugar, você precisa mudar suas roupas.

Minha sobrancelha subiu. —Desculpe?

—Estas não são apropriadas para o tipo de clientela que trabalha comigo. Como minha assistente pessoal, você estará representando minha empresa, por isso é importante que seu traje represente… *a mim.*

Pensei sobre essa informação por um segundo, então assenti quando percebi que essa posição exigia mais do que apenas tarefas de secretariado. —Eu acho que posso fazer algo sobre isso.

Ele sorriu. —Bom. Em segundo lugar, como eu disse anteriormente, você será minha assistente pessoal. Isso exigirá que você fale com meus clientes, marque compromissos e, às vezes, juntar se a mim em reuniões, almoços ou jantares, para garantir que eu não esqueça nada ao discutir um acordo.

—V-você quer que eu vá a esses lugares também?

Ele assentiu. —Isso será um problema?

Eu respirei fundo e abaixei meus olhos. —Eu não me dou bem com as pessoas.

—Eu não entendi? — Ele se inclinou para frente, parecendo não ter me ouvido.

—Eu ... eu não me dou bem com as pessoas. — Eu falei e levantei meus olhos para os dele.

Ele assentiu, com a mandíbula cerrada. —Eu já havia percebido. Iremos devagar, ver como você irá a partir daí.

—Como um teste?

—Algo como isso, sim. Se você quiser esse emprego, senhorita— ele sorriu para si mesmo. —Acabei de perceber que nem sei o seu sobrenome.

—Beaufort. Lilith Beaufort.

Ele sorriu novamente. —Você é uma linda fortaleza, querida.

Ele traduziu o significado do meu nome, fazendo-me corar. Ele segurou meu olhar, e de repente me senti nua na sua frente. Minha alma exposta, carente. A eletricidade na sala se acendeu, e uma corrente inegável correu entre nós, uma que aqueceu meus quadris.

—Pense nisso, Lilith. Se você precisar de alguma coisa, eu vou fazer os arranjos. Eu nunca faria você se sentir menos por não ser capaz de completar uma tarefa. Eu te ofereci o emprego, e vou lidar

com as conseqüências. A última coisa que quero é que você se sinta desconfortável.

—Por quê?

Ele sorriu e se recostou na cadeira. —Porque o que?

—Por que você está fazendo isso?

—A verdade? — Eu balancei a cabeça. —Porque eu gosto de você. Você me interessa Lilith, de mais maneiras do que você pensa. Porque quando te vejo, você ilumina meu dia. Porque quando você está perto, eu pareço ser capaz de respirar profundamente o ar fresco que você traz consigo.

—Como isso é possível? — Comecei, mas ele balançou a cabeça, me silenciando.

—Da mesma forma que você se sente quando estou perto de você. Você não pode negar o que há entre nós, Lilith. Eu tentei, e foi impossível. Você veio para mim, não o contrário.

—Do que você está falando? — A intensidade estava lá, era impenetrável entre nós, não havia como errar. Mas ele foi tão reticente que nem sabia por onde começar.

—Eu sei do que estou falando, — ele suspirou.

—Eu não gosto de enigmas. — Eu me levantei, fazendo meu caminho até a porta.

—Sua resposta, senhorita Beaufort.

Parando, minha mão demorou na maçaneta da porta. Meus pensamentos se misturaram em uma confusa bagunça. Eu não esperava que ele cruzasse meu caminho, nem esperava mudar meu caminho de alguma forma. Eu estava bem onde eu estava. Infeliz, mas pelo menos eu sabia o que o dia seguinte traria consigo. Com Adrien eu estava perdida.

Como alguém poderia se sentir perdido e encontrado de uma só vez?

Eu me virei para ele, seus olhos verdes elétricos olhando para mim. Esperança brilhou através do véu de seu comportamento sombrio. Ele despertou minha curiosidade e eu me senti sendo puxada.

—Eu estarei aqui amanhã.

Ele sorriu. —Bom. Estou feliz em ouvir isso.

Quando abri a porta, senti sua presença atrás de mim. Ele estendeu a mão segurando a minha, pressionando a porta enquanto sua estrutura englobava a minha. Quando ele falou, seu sussurro grave acariciou meu pescoço.

—Estou ansioso para vê-la amanhã, querida.

Meus nervos ficavam no limite ao redor dele. É como se ele soubesse exatamente o que fazer para me colocar no limite. Tomei outra respiração profunda. Sua proximidade me dominava. Foi uma sensação que eu não sentia de um homem há muito tempo. Ele me excitava, me assustava, e tanto quanto eu tentava me manter entorpecida ao seu redor, ele me deixou atraída por ele. Eu podia sentir isso no meu núcleo. Sua proximidade me fazia derreter em

uma confusão molhada, que me deixava completamente desconfortável e totalmente cega das minhas inibições.

Sem outra palavra, saí. Me apressando pelo corredor, tentando chegar o mais longe que eu possivelmente pudesse. Não era porque eu o temia, embora havia isso, mas porque temia a mim mesma ao seu redor. Ele trouxe sentimentos que eu não queria, e tive a impressão de que isso só iria piorar.

4

ADRIEN

Sendo filho único, eu nunca fui conhecido por me abrir com os outros. Eu sempre guardei tudo para mim, o que não me ajudou muito enquanto eu crescia. Sendo o alvo das piadas e intimidações por toda a minha vida, eu tive sorte de desenvolver um exterior áspero ou eu teria cometido suicídio aos dezesseis anos, como tantos outros. Não. Em vez disso eu suportei tudo, os xingamentos, o subjugar, a humilhação, a rejeição. Como eu sempre disse, as pessoas são péssimas.

Mesmo no trabalho eu era conhecido por guardar para mim mesmo e ser, o que eles chamavam, inacessível. A verdade é que eu não tinha tempo para a mesquinhez das pessoas. O ele disse / ela disse, a fofoca, a fachada de tentar ser alguém que não é apenas para agradar a sociedade. Tudo me entediava até a morte. Quando cheguei aos trinta, procurei por algo mais. Algo que tivesse valor e que determinaria a razão da minha existência. Para ser honesto, nunca gostei muito das pessoas. Elas eram egoístas e cruéis, mas eu tinha que admitir que, de vez em quando, encontraria uma de coração puro. Lilith era uma dessas flores raras e me vi atraído. Talvez fosse porque ela era quieta, ou talvez porque ela era tão solitária quanto eu, espíritos afins sempre se dirigem um ao outro. De qualquer forma, eu gostava de tê-la por perto.

Quando eu pedi a ela para vir trabalhar para mim, eu não estava realmente esperando muito dela. Ela estava quieta, um pouco distante, mas não tímida. Quando começou a trabalhar, ela estava tão concentrada que ninguém poderia afastá-la de uma tarefa até que ela terminasse. Deixei que alguns membros da equipe soubessem que ela era boa com números e logo meu gerente de orçamentos estava lhe dando projetos extras. Ela parecia gostar de se perder em seus números, então eu respeitava isso desde que ela completasse o que eu dei a ela para trabalhar. Meus relatórios vinham primeiro. Os números precisavam ser coletados e reunidos em uma planilha de todas as empresas contratadas, dava muito trabalho para concluí-las. Os orçamentos do projeto precisavam ser inseridos antes que pudéssemos contabilizar as horas de mão de obra. Tudo isso teria levado semanas se eu fizesse sozinho, mas com Lilith liderando vários projetos, tornou-se uma questão de dias.

Tê-la como minha assistente foi uma boa escolha, mas ela seria promovida a uma posição de analista de orçamentos em pouco tempo. Com uma condição. Ela ficaria perto, ao meu lado. Eu não queria que ela se afastasse muito de mim. De certo modo, ela me trouxe paz. Tão monótona e enfadonha quanto ela queria parecer, ela tinha esse raio de sol que iluminava todo o meu maldito dia. Aquecia meu coração ver seu rosto. Em um momento, eu até ouvi ela rindo, quando uma colega de trabalho mais nova estava mostrando a ela um meme engraçado no telefone. A sua risada era contagiosa. Uma mistura harmoniosa de risos, cujo tom suavizava quando ela terminava. Eu sorri quando a ouvi, me perguntando como eu poderia incitá-la a rir novamente. Ela guardava tanto para si, era difícil até conseguir uma palavra dela, quanto mais uma risada.

Dia após dia, durante o último mês, fiquei de olho nela. Ela mudou durante as últimas semanas, vestindo trajes mais apropriados para o escritório, em vez de um ginásio. Não vestindo mais jeans ou calças de moletom, sem capuz. Ela não se desviou muito da cor, mas pelo menos ela estava usando algo mais atraente para sua bela silhueta. Ela usava o cabelo em um coque apertado no topo da cabeça, e se eu tivesse sorte, teria a chance de vê-la o soltar, passar os dedos por eles e amarrá-los novamente. O torcido apertado do coque, me deu imagens de enrolar seus cabelos em volta do meu punho enquanto eu a inclinava sobre a minha mesa. As blusas dela eram de seda, as calças de cintura alta ou justa sem seu traseiro bonito. Ela era abertamente sexy, mesmo que ela se esforçasse para não ser. Usar um par de óculos de leitura pretos de gatinho era a cereja no topo do bolo. Ela parecia uma daquelas secretárias safadas que você encontraria de joelhos sob as mesas, sabendo como agradar seus chefes. A primeira vez que ela entrou com eles empoleirados naquele nariz arrebitado, meu pênis instantaneamente pulou em atenção, e agradeci a Deus que eu estava sentado atrás da minha mesa. Enquanto ela falava comigo, uma lista de números saindo daqueles lábios macios, eu não pude deixar de me acariciar. Imaginei ela sentada em cima da minha mesa de mogno cara, tocando seu monte de sedoso para mim e deixando uma marca sua na madeira. Na segunda vez, ela me pegou de surpresa enquanto eu saia do banheiro. Trombando em mim foi inocente o suficiente até que ela derrubou suas coisas e ficou de joelhos diante de mim. Eu literalmente caminhei de volta para o banheiro, batendo uma para ela lá.

Eu não podia deixar de ficar excitado toda vez que ela estava perto, mesmo sabendo que eu iria eventualmente fazer papel de

bobo na frente dela. Eu perdi meu jeito nos últimos anos, não tendo realmente a melhor reputação com as mulheres. Algumas só me queriam pelo que eu poderia dar a elas, o que Adrien Blackhart poderia lhes dar? A maioria queria a companhia que eu não poderia dar. Eu não gostava de conversa fiada, pelo contrário, gostava de conversas filosóficas e profundas, uma mulher que saiba o que quer e não uma que se ofenderia tão facilmente. Eu era um homem rude, não adoçava as coisas, e descobri que a maioria das mulheres não gostava disso. Essa é provavelmente a causa do porquê que estive sozinho por tanto tempo.

Não era que porque eu não queria um relacionamento a longo prazo, é que as mulheres que se aproximaram de mim não sabiam como lidar comigo. Eu não me apaixonava por seus jogos infantis, eu queria uma mulher que tivesse confiança em si mesma. Uma que não dava a mínima para a mesquinhez e me amasse pelo idiota que eu era. Mas eu estava acostumado a viver sozinho. Eu estava distante dos meus pais e não tinha muitos amigos. Ser solitário significava que eu tinha a liberdade de fazer o que diabos eu queria, sempre na porra da hora que eu quisesse. Eu era um filho da puta que não dava a mínima para ninguém, ninguém além de Lilith Beaufort. Ela era a coisa mais doce que eu já tinha visto, e agora que eu testemunhei seu potencial, eu só queria ajudá-la a crescer. Ela era mais forte do que ela gostaria de admitir para si mesma, e eu queria ser o único a mostrar isso a ela.

Ela estava sentada à minha frente esta noite. Uma caneta apoiada no lábio enquanto ouvia meu novo cliente falar sobre um novo plano de desenvolvimento para um conjunto habitacional. Ela estava completamente dominada pelas ideias que estavam sendo apresentadas e, enquanto fazia suas anotações, tudo que eu poderia

fazer era absorve-la. O suave inchaço de seus seios através da blusa de seda branca que ela usava, o jeito que seu cabelo dourado caía macio em ondas nos seus ombros. Ela até mesmo estava usando um leve brilho rosa que delineava sua boca perfeita. A pálida e simples Lilith que eu conheci estava desaparecendo lentamente e ela estava sendo substituída por uma mulher radiante e confiante.

Meu cliente tinha ficado um pouco apaixonado enquanto falava com ela, e me incomodava como Lilith se inclinou para ouvi-lo. Ela sorria de vez em quando, e eu odiava que outro homem pudesse tirar aquele sorriso dela. Sua atenção foi completamente tomada por este homem. Apertando meu punho, eu segurei uma resposta dura. Esse sentimento me incomodava. Eu queria ser o único a fazê-la sorrir. Eu queria ser o único.

—Eu acho que estamos prontos então, — eu me levantei, terminando abruptamente a reunião. Abotoando minha jaqueta, eu arqueei uma sobrancelha para Lilith e ela olhou para mim, um pouco atordoada com a minha reação brusca.

—Não deveríamos falar dos números? — O cavalheiro levantou comigo, um pouco perplexo com a situação.

—Podemos falar sobre números no escritório. Obrigado pelo seu tempo, Sr. Greene, mas acho que mantivemos minha assistente um pouco demais esta noite, e preciso voltar para o escritório. — Meu tom continha uma nota de sarcasmo que era facilmente discernível pela assistente em questão.

Ela imediatamente se levantou e deu ao nosso cliente um dos meus cartões de visita. —Estamos ansiosos para vê-lo novamente Sr. Greene. Seu projeto parece adorável.

—E devo dizer que foi um prazer, senhorita Beaufort. — Eu me encolhi interiormente quando a mão dele envolveu a dela, o leve aperto que ele deu a ela me fez desejar que fossem minhas mãos apertando a sua garganta em vez disso.

—Lilith. — Eu olhei diretamente para ela. O brilho nos meus olhos e o tom áspero em minha voz a fez vacilar. O seu olhar só dizia uma coisa para mim, ela estava magoada.

Sem dizer uma palavra, ela se virou e saiu. Eu dei ao meu cliente um sorriso azedo e a segui para fora do restaurante. Ela parou na entrada e eu passei por ela, entregando meu ticket para o manobrista. Eu estava fervendo e nem sabia o porquê. Meu ciúme provocava algo dentro de mim, algo que eu não gostava. Senti sua presença nas minhas costas e ela foi sensata ao ficar longe. Enquanto meu Cadi preto e elegante aparecia, nem me incomodei em abrir a porta para ela. Eu entrei e esperei até que ela entrasse. Antes que ela pudesse fechar a porta, eu corri para a estrada. Ela gritou, agarrando o painel para não bater nele. Rapidamente, ela travou o cinto de segurança, suas mãos segurando a alça acima de sua cabeça. Eu podia sentir sua tensão ao meu lado, e pisei no acelerador, acelerando pelo tráfego enquanto esquivava de carro após carro.

—Adrien! — Ela gritou quando um carro cortou na nossa frente e eu tive que bater nos freios. Eu parei o carro no meio da estrada, fervendo. Ficamos ali por um longo momento, o silêncio desconfortável, grosso entre nós. Ela cuidadosamente colocou a mão no meu braço, e quando me virei para olhar para ela, não sei o que ela viu, mas ela imediatamente tirou a mão. Eu odiei a perda de contato, mas o que eu mais odiei foi o olhar no seu rosto. Ela parecia genuinamente com medo de mim. Eu olhei para a estrada e

lentamente comecei a guiar o carro em frente. Eu relaxei minhas mãos no volante e flexionei-as, a dor passando por elas quando percebi o quão apertado eu estava segurando. Fiquei espantado por não ter rasgado o volante.

—Você está bravo comigo. — Ela sussurrou, a corajosa gatinha.

—Eu não estou bravo.

Ela virou a cabeça para mim, e eu olhei para ela, o seu olhar atônito quase me fez rir. —Não minta para mim. Isso definitivamente não parece verdade pelo o que acabou de acontecer. Você quase nos matou..

—Não exagere.

Ela deu um suspiro profundo e caiu em seu banco. —Eu não gostei de como você reagiu.

Nem eu, eu pensei enquanto entrava na garagem.

—Você precisa de uma carona para casa?

Ela balançou a cabeça e nem hesitou antes de sair do carro. A porta bateu e eu fui deixado lá sozinho. Eu mereci isso, por agir tão malditamente irracional. Que porra passou pela minha cabeça? Havia uma razão pela qual nunca mostrei meus sentimentos a ninguém. Eu não sentia essa onda de ciúmes há muito tempo e sabia que era perigoso. Mas isso só aconteceu por causa dela. Só por causa dela.

5

LILITH

Batendo a porta do carro, eu caminhei para fora do seu maldito edifício. Quem ele achava que era, agindo de maneira pouco profissional e me fazendo parecer uma idiota? Eu não era um brinquedo com o qual ele pudesse se divertir. Eu estava tão envolvida na minha raiva que parei quando cheguei do lado de fora do prédio. Eu esqueci o quão tarde era, e o ponto de ônibus parecia muito mais longe do que eu me lembrava.

Respirando fundo, andei os poucos quarteirões em direção à parada. Segurando a bolsa ao meu lado, ignorei o fato de que já eram quase nove horas, que a rua estava vazia e que, se eu gritasse, não haveria ninguém por perto para me ajudar. Você sabe o que sente quando alguém está te seguindo ou te observando. A maneira como os seus sentidos se elevam, a maneira como os pelos da nuca se arrepiam levemente, como todos os sons estão cheios desse sinistro pressentimento. Como se algo mal fosse pular em você e te agarrar. Na maior parte do tempo eu fechava os olhos e dizia a mim mesma que era apenas minha imaginação, mas esta noite o ar parecia diferente.

Estava quase quieto demais, as ruas um pouco vazias demais. As lojas estavam fechadas e nenhuma luz se filtrava na rua enquanto eu me apressava pelos becos escuros. O som de uma corneta ao longe me assustou, mas mantive minha cabeça baixa e continuei

andando. Deixei os fones de ouvido na minha mesa, e a minha rede de segurança desapareceu de repente. Foi quando senti, aquele sentido de urgência, de estar sendo seguida. Olhei para a esquerda, depois para a direita, mas não tinha importância. Eu não seria capaz de vê-los. Apenas mais três quarteirões. Eu já podia ver a luz fraca do ponto de ônibus.

Por favor, implorei a qualquer entidade que estivesse acima de mim para me ajudar. Minhas mãos começaram a suar, minha garganta ficou apertada e então ouvi o barulho. Um passo, depois o seguinte. Eles não estavam tentando ser discretos, os passos tinham um propósito. Eu não me atrevi a me virar, mas como meus passos ficaram mais longos e mais rápidos, os atrás de mim também ficaram. E então isso me atingiu. Aquele enorme sentimento ameaçador varreu-me quando quem estava atrás de mim, se roçou contra mim. Virando, eu olhei para o nada. Uma figura escura e encapuzada que simplesmente me olhava e continuava andando. O terror encheu minhas veias quando ele desapareceu na esquina e caí de joelhos. Um grito ficou preso na minha garganta e meu corpo começou a tremer incontrolavelmente.

Por favor, implorei novamente, sem ouvir resposta.

Meu coração estava acelerado e essa sensação de formigamento dançou ao longo das pontas dos meus dedos. Eu não conseguia respirar, muito menos pedir ajuda. Era isso, era assim que eu ia morrer. No meio da rua vazia sem ninguém por perto.

Sentindo-me tonta, tentei me levantar, mas estava fraca. Aquela maldita escuridão se aproximando de mim, restringindo meu fluxo de ar. Eu me senti deixando isso ir, quando de repente um par de mãos fortes me levantou, e um conjunto de

olhos verdes muito familiares me encarou. Sua testa franzida enquanto ele me olhava.

—Você está bem, querida?

Eu simplesmente olhei para o meu salvador. Alguém ouviu minhas preces. A sensação de estar pressionada contra seu corpo duro foi reconfortante.

—Eu preciso que você respire, querida.

Mantendo meus olhos nos seus, puxei uma respiração e depois outra e outra. Ele estava me imitando, sua mão pressionada contra o meu peito enquanto eu tomava um profundo gole de ar. As pontas dos seus dedos deslizaram em minha camisa, e o calor de sua mão na minha pele me confortou. Sua mão quente estava na curva superior do meu peito, pressionando suavemente enquanto eu continuava a respirar.

—Venha agora, eu preciso te levar a algum lugar seguro para você e para minha própria paz de espírito.

Eu não tive certeza onde ele estava me levando, mas assumi que seria para casa. Eu só não sabia que seria *sua* casa. Fiquei na frente de um prédio e olhei para a construção de três andares.

—Você possui tudo isso?

Ele assentiu, pegando minha mão e me puxando para a porta. —Se apresse agora, apenas venha para dentro.

Quando ele acendeu as luzes, não pude deixar de suspirar. Era uma bela casa, com um enorme lustre na sala de jantar, a lareira na sala de estar dava a ela um brilho acolhedor.

—Marguerite deve ter passado por aqui mais cedo, — ele tirou o casaco e depois me ajudou com o meu.

Ele não saiu do meu lado, ele simplesmente tomou a liderança quando cruzamos o ambiente de conceito aberto. Passamos pela sala de estar e de jantar e ele apontou para o banheiro no final do corredor. Nos fundos da casa ficava a cozinha. Um lindo mogno escuro cobria os armários e uma grande ilha enchia o centro da cozinha, servindo como uma mesa. Ele puxou um banquinho debaixo ilha e deu um tapinha nele, gesticulando para eu me sentar.

Eu rapidamente me sentei e o observei enquanto ele vasculhava a geladeira. —Marguerite é minha empregada. Ela vem, limpa, e geralmente me deixa algumas guloseimas. Aha!

Girando, ele colocou um monte de bandejas, com frutas e queijos na minha frente. Ele pegou dois pratos pequenos, dois garfos e uma garrafa de vinho com duas taças enquanto ele contornava a cozinha. Voltando para mim, ele derramou uma taça de vinho tinto e a deslizou para mim.

—Obrigado, mas eu não bebo.

Seus olhos verdes escuros encontraram os meus. —Você quase teve um forte ataque de pânico no meio da rua mais cedo. Acho que isso merece uma bebida. É Merlot, vai fazer você se sentir melhor. Beba.

Eu não havia bebido em vários meses, mas achei que não faria mal. Seus olhos estavam em mim enquanto eu tomava meu primeiro gole de vinho, quando eu engoli, ele aqueceu meu peito e me senti ficando mais quente.

Ele riu e tomou um gole da sua própria taça. —Olhe essas bochechas, você realmente não bebe.

Eu pressionei a mão nas minhas bochechas e com certeza elas estavam quentes. Preocupada, olhei para ele e ele balançou a cabeça. —Não me dê esse olhar, apenas deixe o álcool entrar. Coma.

Ele tirou morangos cobertos de chocolate, queijo brie, biscoitos e mais doces do que você poderia imaginar. Enquanto comíamos e bebíamos, ele finalmente se dirigiu ao elefante na sala.

—O que aconteceu lá?

Fiquei em silêncio por um momento, tomando o vinho e me sentindo um pouco leve e quente. Gostei da sensação que ele me deu, quase como se estivesse flutuando. Quando comecei a falar, descobri que não conseguia me conter.

—Eu nunca disse isso a ninguém.

Ele assentiu, mas permaneceu em silêncio enquanto eu falava. Eu apreciei isso dele e isso me fez querer continuar. —Sofro de ansiedade, sempre sofri, mas piorou no ano passado. Especialmente depois daquela noite.

Minha voz flutuou e me concentrei em suas mãos enquanto elas estavam na bancada de madeira elaborada. Dedos compridos e pelos escuros roçaram levemente a vasta extensão de sua mão. Ele dobrou as mangas da camisa expondo seus antebraços musculosos. Eu sempre tive uma coisa pelos antebraços de um homem, eles significavam força e proteção. Especialmente os dele. Engolindo, deixei as palavras se espalharem. Os eventos daquela noite começando a brilhar na minha mente. Os olhos

escuros do homem, sua voz resmungada, profunda e perspicaz. Eu disse a ele tudo o que havia acontecido antes desta noite.

Quando terminei, um pesado silêncio caiu sobre nós. Por um momento, pensei que seria isso. O que ele iria querer com uma mulher que foi brutalizada, mas depois quebrou o silêncio com sua primeira pergunta.

—Então, o que você sentiu quando ele estava com você?

Eu olhei para ele e encolhi os ombros. —Assustada. Sozinha. Sem esperança.

—Sozinha? Ele te machucou?

—Ele me violou.

—Eu sei. Mas ele te machucou?

Eu balancei a cabeça. —Qual a importância disso?

—Tudo. Ele foi fisicamente abusivo, machucou você, danificou seu corpo de alguma forma? Apenas responda a pergunta, Lilith.

Fechei meus olhos, flashes de suas mãos em mim percorreram minha mente e os afastei. —Não. Ele não abusou fisicamente de mim, ele não bateu, ele apenas...

—Dominou você.

—Sim, — eu sussurrei com desdém.

—Você gostou?

Eu fiz uma careta e olhei para ele como se ele fosse demente. —Como você pode me perguntar isso?

Ele deu de ombros, parecendo apático. —Bem, você gozou?

Eu olhei para ele em choque. —Eu-eu...

—Tudo bem se você gozou. Estudos dizem que as mulheres têm fantasias de estupro o tempo todo, é um pensamento comum. É bem normal, querida. As mulheres podem não falar em voz alta porque acham que isso é repugnante ou porque contraria os padrões da sociedade, mas eu conheço muitas mulheres que gostam de ser dominadas e satisfeitas.

Senti minhas bochechas corarem e pressionei a mão fria nelas. —Corando, já?

—Deve ser o vinho.

Ele sorriu. —Se você diz.

—Bem, mesmo se for esse o caso, nenhuma mulher realmente quer que um homem estranho a viole. Penetrá-la sem permissão. Ele gozou dentro de mim naquela noite, e se eu tivesse engravidado? Ele não teve o menor cuidado comigo. Tudo o que ele queria era se forçar em mim. Para ter um orgasmo.

—E você teve um orgasmo?

—Ele não me fez ter um orgasmo! — Eu gritei, batendo a mão na mesa e sentindo o calor misturado com raiva. Mas não era raiva de Adrien ou seu questionamento, uma verdade apareceu lá que eu não queria a resposta.

—Mas você gozou? — Ele continuou, não se importando com as minhas reações.

Apertando meu queixo, contive uma resposta afiada enquanto ele continuava a falar. —Se ele teve tempo de te seguir, para conseguir te conhecer, saber seu nome, ele se importava.

—Como você pôde dizer isso?

—Porque querida, apenas um homem que se importa com uma mulher dedica todo esse tempo a ela.

—Isso é ridículo! — Eu olhei para ele, a raiva brilhando através de mim. Havia uma ponta de verdade no que ele estava me dizendo, mas isso não significava que eu iria aceitar. —Só um homem fodido planejaria isso com tanta devoção. Ele não tinha o direito de fazer o que fez. Ponto final!

Ele assentiu e tomou um gole de seu vinho. —Você está absolutamente certa, querida. Ninguém tem o direito de fazer o que ele fez. Mas você precisa pegar o que aconteceu com você e fazer com que isso funcione para você e não contra você. O que você passou deveria ter te ensinado alguma coisa.

—Sim. Que eu estava errada. Que eu não poderia sair por aí confiando em todo mundo. Que por causa de quem eu era, eu iniciei isso.

—Besteira! — Ele bateu a mão no balcão, fúria ressonando através dele. Eu vacilei e sentei de novo, olhando para ele. —Não foi sua culpa. Sua beleza, sua inocência, ainda estão aí. Ele não as levou embora. Ele nunca faria isso, Lilith.

—Como você poderia saber o que ele queria ou não queria?

Ele parecia surpreso com a pergunta e lentamente, ele retornou. —Você está certa. Eu não sei nada sobre ele. Tudo o que posso dizer a você é o que vejo diante de mim.

—E o que é que você vê?

Meus olhos procuraram seu rosto. Sua mandíbula esculpida, o arco profundo e sua sobrancelha, a linha sutil ao longo de sua testa. Eu ansiava por traçar e remover a linha que se formou enquanto ele franzia a testa.

—Eu vejo uma mulher que está tentando se esconder. Uma mulher que tem cicatrizes. — Ele estendeu a mão e passou a mão pelo meu cabelo. —Uma mulher inocente que precisa se lembrar o que significa ser amada.

—Eu não quero lembrar, — eu sussurrei enquanto sua mão deslizava pela minha bochecha, embalando-a.

Seus olhos encontraram os meus quando ele se inclinou para frente. —Bem, mesmo se você não quiser, eu não me importaria em te lembrar.

Sua boca estava a apenas alguns centímetros da minha e eu ansiava por aquele beijo. Eu ansiava por esse toque. Mas no fundo eu sabia que eu se cedesse, talvez nunca mais voltasse. Este homem tinha um poder sobre mim, mais poderoso do que qualquer coisa que eu já senti. E eu não era estúpida o suficiente para dar a ele essa chance.

—Eu deveria ir, — eu recuei e me dirigi para a porta. — Obrigado por tudo.

—Você vai sair naquela escuridão, querida?

Eu parei quando cheguei à porta. Meus olhos apertaram e eu me odiei naquele momento. Uma mulher normal não teria que lidar com essas fraquezas. Uma mulher normal sairia, chamaria uma carona e ficaria bem. Eu odiava ser assim.

Lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto, e quando meus ombros tremiam dos gritos que eu mantinha dentro de mim, suas mãos os cobriram, virando-me e me puxando em sua direção. Ele me segurou pelo que pareceu ser uma eternidade. Eu soluçava em seu peito, segurando-o enquanto sabia que não seria capaz de ir embora. Eu não podia deixá-lo ir. Ele não. Eu não podia deixar o que aconteceu arruinar minha única possibilidade de ser feliz. Mas esse sentimento me assustava, ele me assustava. Não porque eu estava com medo que ele me machucasse, mas porque eu estava com medo que ele não me quisesse mais. Eu estava uma bagunça. Uma bagunça despedaçada e insegura. Sim, e em seu abraço gentil, senti sua força e a apreciei.

6

LILITH

Quando me ofereci para ficar e ajudar, eu não sabia que seria apenas ele e eu trabalhando, sozinhos. Ele mencionou que teria que ficar para terminar um projeto, mas eu pensei que alguns membros da equipe também ficariam. Quando chegou as cinco horas, todos se despediram e eu fiquei sozinha com ele no escritório. Eu o encontrei na sala de conferências, com o sol se pondo atrás dele enquanto se inclinava sobre a mesa estudando as plantas. Eu coloquei sua caneca de café ao seu lado e ele a pegou sem sequer olhar para mim. Tomando um grande gole, ele apontou para o diagrama diante dele.

—Esses números não fazem sentido.

Eu me inclinei para olhar mais de perto enquanto ele recuava, com seu antebraço deslizando pelos meus seios. Eu ofeguei, a sensação de seu corpo no meu instantaneamente me aquecendo. Mordi o lábio, olhando estupidamente para os papéis, os números embaçando enquanto a mão dele corria pelas minhas costas suavemente, quase imperceptivelmente.

—Eu teria que comparar os números que me foram dados.

—Olhe para isso, — ele pegou minha mão me puxando em direção do seu laptop. Aprendi um pouco sobre os programas de engenharia que eles usavam, mas não o suficiente para entender o

que ele estava fazendo. Ele trabalhava tão rápido enquanto as linhas se moviam para cima e para baixo na tela, explicando como a ponte não combinava por causa dos números. Eu me inclinei para frente e quando a cabeça dele se virou para mim, nossos lábios estavam praticamente se tocando.

—Eu posso ver seus seios perfeitos, Lilith. Por que você me seduz tanto, querida? Um homem não pode agüentar tanto assim.

Ele se virou na cadeira e agarrando minha bunda, ele me trouxe entre suas pernas. Eu mal registrei o que estava acontecendo quando as mãos dele me envolveram, pressionando o seu rosto contra os meus seios e me segurando apertado.

—Oh, Deus, — eu sussurrei, sentindo sua respiração quente se prolongando contra a minha pele nua. Seus dedos desabotoaram mais dois botões da minha camisa, minha respiração engatou ao sentir sua barba áspera. Seus lábios fazendo cócegas na pele nua ao longo da minha barriga. Quando sua língua varreu minha pele eu recuei em choque. Escondendo o rosto, eu me afastei, me ocupando com outra coisa.

Isso continuou por horas. Uma escovada aqui, um toque ali, quanto mais eu me afastava, mais ele ficava perto. Em um momento, eu passei por ele, apenas para ser agarrada pela cintura, seus braços fortes e seguros me prendendo contra ele. Minha bunda pressionada na frente de suas calças, sua protuberância dura e longa. Eu choraminguei enquanto ele corria seu nariz ao longo da curva do meu pescoço.

—Seu cheiro é tão bom.

—Adrien, por favor. — Ele suspirou, relutantemente tirando as mãos da minha cintura. Eu passei por ele, tentando ignorar o jeito que ele fazia meu corpo formigar.

Eu estava mentindo para mim mesma se dissesse que não gostava disso. Pelo contrário, o homem provocava fortes reações em mim. Eu queria me perder em seu toque. Sentir seu poder correndo através de mim. Já era quase meia-noite quando percebi que, se isso continuasse, eu iria me meter em encrenca. Quando eu trouxe o meu laptop o lado do dele, eu tinha a intenção de apenas comparar os gráficos e os números. Depois de um momento, percebi que era eu quem queria ficar perto dele.

Nossos olhos se encontraram e nós dois sabíamos o que iria acontecer. Ele agarrou minha mão e me puxou em sua direção, me envolvendo em seu abraço carinhoso. Seus lábios nos meus eram suaves e possessivos, a sensação dele corria através de mim como veludo quente. O beijo foi feito para despertar, e ele aprofundou-o com um propósito, deslizando a língua para dentro da minha boca e deixando-me prová-lo. Eu nunca fui beijada dessa maneira por um homem. A sensação de suas mãos me segurando apertado, correndo pelas minhas costas enquanto ele me puxava para mais perto. Meus seios se encostaram nos braços e no peito largo e musculoso, os sentindo inchados e doloridos. Eu estava presa, e em segundos eu entrei em pânico.

Tomando cada grama de força que eu tinha, eu o empurrei. Instantaneamente ele me soltou, choque consumindo suas feições. Eu simplesmente fiquei lá, com o coração acelerado, minha respiração entrando em baforadas irregulares.

—Eu ... — Eu não terminei o que estava dizendo. Eu apenas peguei minha bolsa e corri para fora da sala de conferências.

Freneticamente, apertei o botão do elevador que estava demorando uma eternidade. Depois de um minuto, decidi pegar as escadas. Mas assim que abri a porta, fui agarrada e levantada do chão. O som da pesada porta de metal batendo ecoou no espaço vazio. Um grito se alojou na minha garganta e um pedido frenético escapou. Seu perfume me envolveu, e quando ele me girou e me bateu contra a parede, seus lábios se chocaram contra os meus.

O beijo foi turbulento, cru e injustificado. Eu tentei me afastar, mas ele apenas me segurou mais apertado, me puxando contra seu corpo. O contraste entre a parede de concreto frio atrás de mim e o seu calor, sobrecarregava meus sentidos. Ele me assustava, mesmo assim ele era malditamente atraente. Seu perfume me enchendo enquanto seu corpo se moldava ao meu.

—Adrien!

—Quieta, — ele sussurrou com voz rouca, suas mãos poderosas deslizando sob a minha saia até as costas das minhas coxas nuas. Ele me apertou com força e eu pude sentir sua excitação pressionada contra a minha barriga.

Eu choraminguei enquanto suas mãos agarravam minha bunda e me traziam contra ele, separando as minhas coxas e imprimindo seus dedos na minha pele. Eu olhei para cima, a tonalidade vermelha do sinal de saída emitindo um brilho sinistro ao longo do corredor vazio. Seu rosto permanecia escondido nas sombras, a luz vermelha mal penetrava através delas, destacando seus lábios

e seus olhos. Aqueles olhos familiares que continham tantos segredos.

—O que você vai fazer comigo? — Eu agarrei seus ombros e engasguei quando seu dedo varreu meu núcleo jorrante.

—A porra que eu quiser, — ele retumbou contra o meu pescoço enquanto a outra mão agarrava o material da minha calcinha. Rosnando, ele a puxou, rasgando-a como um pano qualquer. Eu gritei quando a sensação foi como uma lembrança violenta daquela noite. No entanto, meu gemido encheu o ar enquanto seus dedos deslizavam pelo meu clitóris, acariciando lentamente a bagunça cremosa que eu havia feito.

—Você está pensando nele?

Meus olhos estavam cerrados, e os olhos daquele homem apareceram. Eu lutei contra a memória de sua força, e então ele desapareceu enquanto Adrien tomava o seu lugar. Eu choraminguei na minha confusão. —Você está se lembrando da sensação das mãos dele?

Ele agarrou minha coxa e eu soltei um grito gutural raivoso, imagens daquela noite passando por mim, a sensação das mãos daquele homem impregnadas em minha pele. A luta frenética para tirá-lo de cima do meu corpo. Mas através do nevoeiro turbulento, o toque de Adrien substituiu o dele. Sua voz me trouxe de volta. O som do seu zíper rompeu minha névoa e eu tentei empurrá-lo para trás, ficando fraca enquanto seus dedos se enrolaram dentro de mim, tirando meu fôlego.

—Não minta para si mesma, Lilith. Você sabe que gostou.

Eu balancei a cabeça, incapaz de falar por causa do prazer que ele causava em mim. —Eu quero foder você, Lilith. Eu quero te fazer minha. Eu não posso aceitar o fato de que outro prende sua atenção. Que tudo que você pode pensar é em outro homem quando estou bem aqui. Eu não posso esperar mais, menina doce. Eu preciso de você.

Ele mordeu meu lóbulo da orelha e eu gozei nele. Meu núcleo explodindo com prazer forçado por suas palavras, pulsando e jorrando em seus dedos. Os sons de sucção que fez, molhada e suja, só os acenderam. Seu pau grosso correu através da minha fenda e ele me levantou contra a parede. Não houve luta voluntária em mim, apenas um desespero para dar a ele o que ele queria. A tensão sexual entre nós pulsava com intensidade e, por mais que eu tentasse negar, não havia como me afastar desse homem. Através daquela névoa avermelhada, seu rosto foi subitamente iluminado, seus olhos presos naquelas sombras escuras, o cheiro do nosso sexo invadindo o ar, e o conhecimento do que ele faria comigo, o que ele queria, pairando sobre mim. No entanto, isso não importava. Isso não me assustou. Tudo que eu temia era o pensamento sempre presente de perdê-lo.

Ele esperou um longo momento antes de entrar em mim, deslizando em minha profundidade escorregadia polegada por polegada deliciosa. Meu corpo cantarolava em aprovação, e eu arqueei minhas costas, levando-o profundamente necessitada por mais. Ele tirou meu o fôlego, a sexy sensação de ser possuída, ser penetrada era repugnantemente erótica.

—Menina safada, — ele gemeu enquanto afundava em mim. Minha boceta envolveu -o ansiosamente, boceta gananciosa.

Nós dois lutamos para respirar quando ele puxou para fora, a ponta de seu pênis vazando em mim. —É isso que ele fez com você?

Eu gritei enquanto ele batia seus quadris nos meus. —É assim que ele te fodeu?

Eu afundei as unhas suas costas, ele me fodeu contra a parede. Eu queria machucá-lo. Eu queria que ele sentisse minha dor enquanto eu o agarrava. Ele agarrou meus pulsos e os jogou contra a parede de concreto. Um choro estrangulado escapou dos meus lábios, seu pênis continuava deslizando dentro e fora de mim, meu corpo arqueando para trás, minhas pernas ao redor dele enquanto ele me segurava presa contra a parede. Lembrei da sensação das correias cortando meus pulsos, e da luta contra ele, lágrimas rolando pelos meus olhos enquanto eu gritava o nome de Adrien, gozando de novo.

Como isso poderia ser assim?

Como eu poderia estar gostando disso?

Mas eu estava, queria ser fodida e almejada. Eu queria tudo isso dele. Do meu estranho. Ele foi implacável em sua tomada, mordendo meu pescoço, deixando sua marca enquanto martelava dentro de mim. Cada impulso de seus quadris poderosos, me empalando mais e mais. Foi uma união desesperada de dois corpos. Um perigoso jogo de manipulação que ele estava jogando, e eu sabia muito bem o que ele estava fazendo, mas deixei ele brincar comigo. Eu deixei ele me ter. Ele era um lembrete de que o amor era cru e brutal. Nós éramos tão certos um para o outro, que doía. Eu precisava sentir aquela polegada de desejo por outro humano, e Adrien foi além disso. Era uma necessidade tão forte que se derramou através de nós dois, no

coração em ondas doloridas de prazer enquanto seus rugidos enchiam o ar. Soltando meus pulsos, eu me envolvi em torno dele, seu eixo bombeando sua semente dentro de mim, e tudo que eu podia fazer era gemer em profunda rendição me entregando, espasmando ao seu redor.

Desespero, raiva, prazer, tudo integrado neste momento impulsivo. Ele balançou para frente, me segurando com força, sua respiração irregular ao longo do meu decote, nossos corações se misturaram, batendo erraticamente um contra o outro até que as batidas fluíssem como uma só. Não sei quanto tempo ficamos lá, ele estava profundamente dentro de mim, sem se mexer, sem falar. O brilho carmesim daquele sinal de saída nos envolveu nesse estado intoxicante, cheio de sexo.

Eventualmente, ele recuou, nós dois soltamos um gemido dolorido quando ele deslizou para fora de mim. Ele foi gentil comigo quando me colocou no chão. Sua testa pressionada na minha, suas mãos embalavam meu rosto, sua respiração contra meus lábios. Seus olhos permaneceram fechados enquanto ele respirava fundo, se firmando.

Assim que suas mãos me deixaram e eu tive uma abertura, eu corri. Eu não podia acreditar no que eu tinha acabado de participar. Como eu poderia deixar isso acontecer? Em vez de esperar que ele dissesse alguma coisa, reagisse, eu corri. Eu fugi o mais rápido que pude. Longe de um homem que acabara de me fazer gozar trazendo de volta meu passado turbulento. Maldita a escuridão que me envolvia. Confusão começou com as minhas lágrimas correndo pelas bochechas. E eu corri, corri o mais rápido e o mais forte que pude.

7

ADRIEN

Eu deixei ela escapar, meu corpo ainda vibrando por ter estado dentro dela. Eu não queria machucá-la, mas eu sabia quais eram seus gatilhos encontrá-los era fácil, apertar esses botões foi apenas o começo. Eu precisava que ela experimentasse isso de novo. Eu queria que viesse das minhas mãos, do meu pau, para que ela lentamente começasse a esquece-*lo*. Eu odiava que ele consumia suas noites, seus dias, sua porra de vida. Eu queria que a imagem dele fosse embora, e eu precisava tomar o seu lugar. E foda-se, ela gozava tão docemente, uma e outra vez enquanto eu pegava o que eu queria dela. Ela se entregou a mim neste corredor escuro e seus gritos tinham sido de necessidade e resiliência.

Ela estava perfeitamente danificada. Minha boneca puramente devastada. Ela tinha mais força do que ela sabia que tinha. Eu senti isso quando as suas unhas arranharam minhas costas. Eu senti em sua mordida, em seus gritos, na maneira como sua doce boceta apertou em torno de mim. O jeito que ela jogou a cabeça para trás se agarrando em mim enquanto eu injetava minha vida nela.

Porra!

Passei a mão pelo cabelo e tomei um gole do uísque que servi. Andando até as janelas, olhei para as luzes que brilhavam à distância. Eu me perguntava como ela estava, se ela chegou em casa em segurança. Mas eu não iria atrás dela. Eu terminei de persegui-

la. Ela precisava entender o por que eu fiz o que fiz, e ela entenderia. Tenho certeza de que ela estava em casa tentando assimilar o meu toque e o motivo pelo qual fiz isso com ela.

Eu era um idiota egoísta. Eu fiz isso por mim. Porque eu estava com ciúmes que a imagem que ela impregnara em sua mente era a de um estranho que a violou, em vez de um homem que a amava. Eu queria ser esse homem. Eu queria levar tudo embora, tanto que doía. E se eu tivesse que forçá-la a ver a verdade, então porra, eu faria. Eu levaria cada segundo da minha vida, para fazê-la ver como ela era linda.

Eu olhei para a bagunça na mesa de conferência. Toda uma charada criada só para ela. Eu movi os papéis para o lado. O projeto *foi* concluído, no prazo de dois meses. Isso tudo foi uma configuração, inventada realmente para mantê-la aqui comigo. Eu tentei seduzi-la, excitando-a, eu queria que ela caísse por conta própria, mas no final, ela fugiu. Eu não ousei deixá-la sair sem completar a tarefa que eu tinha programado. Esta noite foi a noite. Especialmente depois de tudo que ela compartilhou sobre seu passado. Ela manteve esses segredos enterrados profundamente, deixando-os consumi-la a cada respiração que ela dava. Eu não podia deixar ela continuar assim. Apenas não era certo.

Foi assim que aprendi. Do jeito difícil. Eu queria ensiná-la que sentir dor era uma coisa boa, fazia você se sentir vivo, não morto por dentro. Esse era todo o maldito ponto de tudo. Para ela lutar por isso. Para fazê-la ver que o que ela experimentou não era sua vida, foi um momento passageiro. Eu não estava tentando fazer com que ela esquecesse, eu estava tentando fazê-la olhar seu passado turbulento e o seu futuro.

No pouco tempo que estive com ela, percebi que até um idiota sádico como eu poderia amar. Todo o meu ser, reverberava ao seu redor, querendo-a, desejando-a. Eu esperei o suficiente. Meu fascínio por ela se tornou uma obsessão e eu estava desesperado para ela me enxergar.

Porra, eu precisava que ela me enxergasse!

Porque eu estava tão fodido quanto ela, ainda mais do que ela poderia imaginar. Eu tinha um coração solitário e tortuoso, mas era dela. Eu realmente acreditava que poderia consertá-la e, no processo, poderia me consertar. Meu coração que havia sido quebrado anos atrás, agora estava finalmente batendo, e por causa dela.

O amor não é tão extraordinário quanto as pessoas acham. Há muito mais escuridão que permanece em seu caminho. Ciúme, obsessão, traição. É por isso que eu fiquei longe disso. Eu vi isso no relacionamento dos meus pais. Não importava o quão duro meu pai batia na minha mãe, ela permanecia ao seu lado. Sempre fiel, sempre amorosa, não importava o que ele fizesse com ela, sempre dava uma desculpa por ele.

Eu lembro da última vez que os vi. Eu tinha dezesseis anos. Eu tinha conseguido um trabalho de meio período em um cinema, na pequena cidade em que morávamos. Você sabe o tipo de cidade de que estou falando. Uma das cidades do cinturão da bíblia onde os benfeitores davam tapinhas nas costas por fazer o bem ao Senhor, e então batiam seus peitos na igreja, quando imploravam por perdão. Meu pai era o rei dos benfeitores. Ele era o pastor da cidade. Um pedaço de merda que se escondia atrás do bom livro e bebia muito para dormir noite após noite. Que Deus impedisse que uma alma

viva soubesse de sua corrupção, eles o enforcariam. Mas antes disso, ele provavelmente mataria minha mãe, culpando-a por seus erros.

Eu estava chegando de um longo turno quando os ouvi gritando, do outro lado da rua. Hesitei por um momento antes de entrar, mas temia pela vida da minha mãe, e é por isso que me envolvi naquela noite. Quando entrei, ele estava com o pé erguido, pronto para descer nela. Por instinto, eu o interrompi, correndo e me colocando sobre ela, de costas para ele.

Esse foi o meu erro. Eu era um garoto magricela naquela época, apenas carne e osso. Ele era um homem forte, de um metro e oitenta e cinco, forte como um caminhão. Quando sua mão desceu sobre mim, tudo que senti foi dormência. Quando desceu novamente, só que desta vez foi o punho dele que me atingiu. Eu caí sobre a minha mãe, o sangue respingando na sua blusa branca. Tudo o que eu podia ouvir foi um grito de gelar o sangue que fez meu pai finalmente sair do seu estupor bêbado para perceber que ele estava quase me matando. Ele deu um soco no meu peito com tanta força que perfurou um pulmão, e no segundo golpe eu comecei a tossir sangue.

Minha mãe gritou, cambaleando para o chão comigo, e o pedaço de merda chamado meu pai, viu quando seu filho, quase sem respirar, quase morreu naquele chão. Meu tio Boone, bendito seja, entrou naquele exato momento. O olhar de horror em seu rosto dizia tudo. Empurrando meu pai para o lado, ele me levantou, levou-me para sua caminhonete e me levou para o hospital. O mais importante foi que minha mãe nem se incomodou em me fazer uma visita. Sua desculpa era que meu pai estava muito doente e ela não podia deixá-lo sozinho.

Foi nesse momento que desenhei a linha. Depois dessa conversa eu terminei. Eu tive o suficiente do abuso, o suficiente do assédio. Minha mãe nunca me protegeria, e meu pai só tentava nos matar. Eu fiquei com Boone por alguns anos, até que eu fui para a faculdade. No meu último ano eu recebi um telefonema me avisando que ele tinha sofrido um acidente. Um caminhão tombou na rodovia, fazendo-o capotar sua caminhonete. Ele saiu pelo pára-brisa e morreu instantaneamente. Eu odiei que a única coisa boa na minha vida foi tirada de mim. Ele não merecia morrer. Meu pai, por outro lado, eu queria que ele morresse devagar. Não. Eu não dou a mínima como isso parece mórbido. Era assim que me sentia. Especialmente depois do que ele fez quando meu tio morreu. Ele pegou tudo o que meu tio possuía, vendeu, nem deu a mínima para mim. Quando finalmente tive a chance de ir para a fazenda, ela havia ido. Os cavalos, a casa, tudo. Meu tio tinha deixado tudo para mim, mas antes de qualquer papelada passando as coisas para mim, meu maldito pai pegou tudo e destruiu. Ele era uma alma maligna que como um câncer para tudo que o rodeava. Minha mãe, ela não tinha para onde ir.

Com tudo o que aconteceu, eu entendi que o amor realmente não existia. Era tudo uma ilusão. Minha mãe foi forçada a se resignar ao abuso. Ela era uma mulher fraca que não sabia nada além do toque de um homem que não sabia amar. Foi por isso que eu fiquei frio. Foi aí que percebi que o amor não era tão enlouquecer quanto deveria ser. Eu gostaria de poder dizer que vi amor em algum aspecto da minha vida, mas não vi.

Não havia flores nem havia raios de sol. Bem, não até que a vi. Ela era meu raio de sol. Minha Lilith. Eu não podia deixá-la permanecer naquela escuridão que a dominava, que se enraizou

dentro dela. Ela precisava ser ensinada, moldada, ser guiada a ser a mulher que ela deveria ter sido. Se ela quisesse ficar comigo, então ela precisaria entender o que eu tinha aprendido recentemente sobre mim mesmo. Eu não sou um homem típico, eu não dou a mínima para sentimentos, muito menos lágrimas. Eu amo áspero e violentamente, e se me quiser, então eu preciso do mesmo fogo que queima minha alma, queimando através da sua. Era a única maneira que sabia amar.

8

LILITH

A água me queimava enquanto cascateava pelas minhas costas, a pele rosada, os dedos enrugados. Eu estava parada ali por pelo menos vinte minutos encarando as gotas que caiam pelo vidro embaçado. Minha vagina latejava e doía, a sensação dele dentro de mim ainda estava presente. Admiti que a sensação do seu pau tinha sido tão boa, que eu gozaria instantaneamente. Suas palavras sujas, seus grunhidos, seu cheiro, o fato de que ele me prendeu contra a parede, tudo tinha despertado algo em mim. Algo instintivo. Algo que me abalou até o núcleo.

Talvez isso fosse o que eu estive lutando todo esse tempo. O fato de que, embora fosse errado, o que aquele homem fez, desprezível, imoral, intrusivo, eu ainda gozei. Eu ainda tive um orgasmo. E eu gozei esta noite também. Enquanto Adrien me perguntava se eu gostava, lutei contra essa realidade quando cheguei ao limite. Eu lutei até não poder mais.

Eu estava fodida?

Eu tinha que ser para permitir que ele fizesse isso comigo, certo?

Minha mente finalmente implodiu e tudo o que existia agora era Adrien, aquele homem e a escuridão. Então por que quando Adrien me tocava eu me submetia a suas exigências tão rapidamente. O que ele disse era errado, mas eu queria que ele

fizesse essas coisas comigo. Meu corpo estava em uma encruzilhada com minha mente. Eu até implorei para ele continuar. Eu pensei que tinha gritado para *ele parar*, mas as palavras que saíram roucas eram, *não pare*.

Eu bati minha cabeça contra o vidro frio, pressionando minha bochecha nele enquanto minhas mãos imitavam as dele. Eu gemi quando meus dedos encontraram minha pulsação e se arrastaram ao longo do meu centro inchado. Meu clitóris pulsou e sacudiu quando meus dedos passaram por ele, ainda tenro do seu toque, ainda querendo mais. Sua respiração em meus lábios me despertou, o aperto que ele tinha em mim me forçou a lidar com o meu passado. Seu cheiro me consumiu e me trouxe de volta para o quarto. A sensação das mãos de um estranho em mim, os grunhidos que estavam impregnados na minha cabeça foram agora substituídos por grunhidos em meu ouvido do homem por quem eu tinha me apaixonado. Uma excitação causada por intenções duvidosas, pela força. Era tudo fodido. Cada segundo disso tudo.

Então, por que chegou a isso?

Por que meu corpo encontrou essa liberação tão rapidamente?

Eu me acariciava pensando nele, meus joelhos se dobrando enquanto deslizava pela parede do chuveiro, choramingando e mudando de posição me aproximando do mesmo ponto. Sacudindo meu clitóris, eu corri meus dedos pelos meus cachos molhados, de joelhos, meu corpo girando contra a minha mão enquanto a água pulsava ao longo das minhas costas.

Imagens do homem, imagens de Adrien, todas misturadas em uma. O homem tirou o capuz e o rosto de Adrien apareceu na

luz. Seus suaves olhos verdes fixados enquanto seu pênis afundava em mim. Me esticando, me fodendo, me dando o que eu precisava esse tempo todo. Eu não estava preparada, meus olhos estalaram, meus lábios se abriram e gritei seu nome, gozando mais uma vez para ele.

Eu não estava preparada.

Assim não.

Eu não estava preparada.

***

—OLÁ, — levantei o telefone no ouvido, grogue e meio adormecida.

—Onde você esteve, monchérie?

—Mamãe?

—Sim, aqui é sua mãe. Onde no mundo você se escondeu?

Eu sorria ouvindo seu rico sotaque francês enchendo a linha telefônica. Eu adorava a sua voz, suave e melódica enquanto falava. —Estou bem, mamãe.

—Você tem que dizer a sua mãe onde você vai. Fiquei terrivelmente preocupada.

Eu deitei de costas e olhei para o teto. Faziam três dias desde que eu tinha voltado ao trabalho. Evitá-lo foi minha única solução nesse momento.

—Liguei para o seu trabalho e eles me disseram que você não trabalha mais lá. Onde você está trabalhando agora?

Eu suspirei profundamente, seu olhar penetrante aparecendo por trás das minhas pálpebras fechadas. —Em uma empresa de engenharia. Sou a assistente pessoal do CEO.

Ela parou um momento e eu percebi que ela estava surpresa. — Uma assistente pessoal? De quem?

—O nome dele é Adrien Blackhart. Ele é um homem muito rico, mamãe.

—Eu sei. Eu já ouvi esse nome. Mas tenha cuidado, querida. Homens como ele só procuram uma coisa de garotas bonitas como você.

—Mamãe, por favor. Ele não é o que você pensa. — Eu me contorci e contive um gemido enquanto meus músculos gritavam. Eu pensei nas suas mãos e como ele me fodeu naquela noite. Meu corpo ansiava por ele, lentamente se tornando viciado. Mas eu não podia dizer isso para minha mãe, ela nunca poderia pensar maldades em mim. Se eu contasse a ela o que aconteceu, ela se consideraria um fracasso, por não ter me protegido.

—Você está bem?

A preocupação cobriu o seu tom. Eu quase não falava mais com ela e, quando falava, eram breves conversas sem sentido. Eu amava minha mãe, mas não havia nada que eu pudesse dizer a ela que a satisfaria. Sempre era o mesmo com ela. Ela nunca ficou satisfeita com a minha aparência, com o que eu usava, com os amigos que eu tinha, muito menos com os namorados. Ela cresceu em um país

diferente, com padrões diferentes, e eu nunca conheci esses padrões. Então, eu me tornei rebelde. Eu usaria as cores que ela mais odiava, levaria para casa o mais louco dos meninos, eu chupava todos que eu pudesse atrás das arquibancadas. Minha reputação me precedeu, mesmo no meu trabalho na livraria, onde o gerente fazia a festa sempre que podia.

Estou bem, mamãe. Eu tenho um bom emprego e estou morando perto dele. Eu irei visitá-la em breve. Você estará em casa ou você está viajando?

—Esta casa me dá muito trabalho, muita solidão. Eu gosto disso em casa. — Ela fez uma pausa novamente, e eu sabia que ela ia me dar o que ela considerava uma notícia devastadora. —Estou pensando em voltar para a França.

Me sentando na cama, afastando o cabelo e piscando algumas vezes. Eu esperava tudo, menos isso. —França?

—Sim, monchérie. É uma coisa boa. Eu conheci um homem. Ele me faz muito feliz e nós conversamos sobre morarmos juntos.

—Você conheceu alguém? — Eu quase ri da ironia. Minha mãe de todas as pessoas, se apaixonando de novo, quando ela afastou homens por metade da minha vida. Se eu era quem eu era naquela época, ela tinha desempenhado um grande papel disso.

—Sim. Ele é um bom homem e me ama.

—É por isso que você continua viajando? Por que você continua me deixando? Por que você me deixou naquela noite? — Eu sussurrei, segurando um soluço quebrado.

—Que noite? — Um pesado silêncio caiu sobre nós e as lágrimas começaram a cair nos lençóis. —Monchérie, eu nunca te deixei. Eu sempre visitei a família, isso não é novidade.

Eu balancei a cabeça. —Você está certa, mamãe. Eu deveria estar esperando isso de você.

—Agora, monchérie, não seja tão dramática. Isso não tem nada a ver com você. Você é uma mulher crescida, tem um bom emprego e mora longe da sua mãe. Eu estou sozinha, não há nada para mim aqui.

—Mamãe, — eu sussurrei.

—Nós conversaremos novamente. Nada está decidido ainda, mas estou pensando nisso.

Eu balancei a cabeça, enxugando minhas lágrimas. Se ela fosse embora, eu estaria sozinha. Ninguém para me ajudar, ninguém para me proteger. Mesmo que ela sempre viajasse, eu sabia que se eu ligasse, ela voltaria imediatamente. Ela estava certa, não era novidade. Desde que eu tinha doze anos, ela me deixava para me defender sozinha. Ela não podia ficar em um só lugar, sempre fazendo novos amigos. Eu deveria estar acostumada com isso agora, mas doía de qualquer maneira.

—Adeus, mamãe.

—Adeus, monchérie. Mamãe te ama.

—Eu também te amo, — eu sussurrei antes de desligar.

Eu olhei pela janela, o sol estava brilhando intensamente. Outro dia que passou sem qualquer significado. Eu estava cansada de me

sentir assim. Eu precisava me recompor e voltar ao trabalho. Por mais que eu não quisesse ver Adrien, gostava do meu trabalho. Gostava da sensação de satisfação que vinha de ajudar alguém, ou quando um cliente ficava satisfeito. Eu gostava de sair com Adrien e fechar negócios e contratos. Ele trazia essa energia com ele que fluía através de mim e vê-lo trabalhar, era incrível. Seu jeito com as palavras, seus modos, sua confiança. Eu admirava isso nele, isso me fazia desejar ter um pouco disso. Ele era implacável e ele tinha esse poder silencioso que emanava dele. Eu sentia isso correr através de mim enquanto ele me segurava. Eu ansiava por isso novamente.

9

ADRIEN

Eu a observei atentamente enquanto ela trocava os papéis e arrumava a minha mesa. Nós não falamos sobre o que aconteceu naquela noite, nem falamos sobre o fato de ela não ter aparecido para trabalhar em quase uma semana. Aqui estávamos nós, sexta à tarde e ela apareceu de repente no meu escritório. Eu deixaria isso por agora, eu não iria forçá-la a se abrir. Ela parecia diferente hoje, mais brilhante. Sua blusa de seda preta tinha uma estampa de pomba branca espalhada sobre ela. Ela usava calça preta de cintura alta que moldava seu rabo apertado. Eu estava ciente de todos os seus movimentos e o meu pau também.

—Tudo bem. Isso é tudo que você precisava?

Eu sorri para ela. Ela era uma coisinha teimosa. Ela estava chateada e o fogo que percorria era meu afrodisíaco. Eu queria mais. Eu queria testemunhar como isso a consumia. Era a única maneira de tirá-la da sua concha. A única maneira que ela perceberia o quão bonita ela realmente era.

—Você pode me ignorar o quanto quiser, mas você não pode se esconder de mim, Lilith.

Ela colocou as mãos nos quadris e inclinou a cabeça para o lado. O queixo dela pulsou enquanto ela apertava a sua mandíbula com força, provavelmente para morder a língua. Ela estava com raiva e

sua raiva me fez sorrir. Eu prefiro que ela fique com raiva do que triste. Ela era tenaz, eu daria isso a ela. Eu andei na sua direção, seu corpo endurecendo com a minha proximidade. De pé diante dela, eu coloquei minhas mãos gentilmente sobre as dela empoleiradas em seus quadris. Ela ficou muito quieta, mas não se afastou. Não que eu fosse permitir isso.

—Você vai ter que falar comigo. Isso, — eu apontei entre ela e eu, —isso não vai acabar em uma noite. — Eu lentamente a circulei, minha mão roçando sua cintura. Seu braço caiu, e eu corri meus dedos ao longo da seda macia enquanto a outra mão afastava seu cabelo. Eu me inclinei para frente, meu nariz roçando seu pescoço.

—Eu quero mais.

Ela se afastou de mim, senti-a escorregando pela ponta dos meus dedos, mas me segurei. Eu odiava que ela tivesse recuado, mas eu merecia isso, eu sabia disso. Eu cruzei a linha na última noite, mas só porque eu queria que ela soubesse que sentir prazer não era errado. Eu queria mostrar a ela que nem todos os homens queriam machucá-la, que eu ainda estava aqui e planejava ficar.

—Eu não vim aqui por você. Eu vim porque preciso desse trabalho. Até encontrar outro, vou entrar e ficar fora do seu caminho o máximo possível.

—E você acha que é o que eu quero?

—Eu sei exatamente o que você quer, — sua voz subiu, seu peito subindo e descendo enquanto aquela corrida furiosa passava por ela. Deus, ela era linda quando estava com raiva.

—Mas você está aqui, não está. Você está aqui porque sabe que a outra noite significou muito mais do que você queria.

Ela estreitou os olhos em mim, e se olhares pudessem matar, então ela tinha me assassinado pelo menos uma centena de maneiras diferentes com esse olhar. Mas eu preferia a morte à indiferença. —Você já pegou o que queria. Não tenho mais nada para lhe dar.

A raiva dela agora me inundou, e eu a alimentava quando eu a puxei para mim. —Você está errada! Você tem muito mais para dar, muito mais pelo que esperar, muito mais para viver. Você não pode deixar um momento dominar toda a sua vida!

Ela lutou contra mim, empurrando meu peito, mas eu a segurei forte, amando sentir aquela briga nela. —Faça isso. Lute comigo. Mostre-me que você tem vontade de viver.

—Você não tem ideia do que aquele homem fez comigo! O que ele tirou de mim!

—Ele fodeu você. Foi tudo o que ele fez. Tome isso pelo que foi e siga em frente.

—Como você pode ser tão cruel?

Eu balancei a cabeça enquanto essas emoções frustradas se derramavam sobre mim. —Eu quero que você pegue o que aconteceu e o supere, e não pensar mais nisso. Você está deixando isso te consumir e está te matando por dentro. Você precisa superar esse problema se quiser algo mais na vida. Você não pode deixá-lo vencer. Eu também não quero que você deixe.

—Eu não quero nada! Especialmente nada de você!

Ela gritou sua frustração e seus gritos me enfureceram. Segurando seu rosto, eu a perfurei com um olhar fixo.

—Mesmo?

Meus lábios bateram contra os dela, seus gemidos enchendo o ar enquanto ela me empurrava. Agarrando seus braços, eu a tranquei em meu abraço enquanto minha língua se derretia contra a dela. Nosso beijo foi cheio de desespero, necessidade, um despertar rude para o que ela não queria fazer. O fato de que outra pessoa, um homem, poderia fazê-la sentir algo além de dor, foi um choque para seus sentidos.

Depois de um longo momento, ela suavizou contra mim, separando seus lábios e me permitindo aprofundar o beijo. Seus suspiros enchendo minha boca enquanto eu arrastava minha língua pelo seu delicado decote.

—Boa menina, — murmurei contra a parte de trás de sua orelha. Seu tremor me atravessou e pressionando minhas coxas nas dela, eu nos movi em um balanço lento em direção à mesa. Suas pernas encontraram a borda da minha cadeira e ela engasgou quando sua bunda encontrou a almofada fofa. Eu olhei para o rosto angelical dela, e dei um sorriso malicioso, me ajoelhando lentamente diante dela.

—O que você está fazendo? — Seu tom abafado, olhando para a porta. A porta destrancada.

—Shhh, — eu sussurrei desabotoando as calças dela.

—Não, — ela segurou minhas mãos e eu parei, tomando um momento para olhar para ela. Minha sobrancelha levantou em desafio e ela aliviou seu aperto, sabendo que eu não ia deixá-la ir. Mas eu estava sendo legal hoje e pelo menos parecia que estava dando a ela uma opção.

Deslizando o zíper, comecei a falar com ela em voz baixa. — Você pode sair quando quiser, Lilith. Basta dizer as palavras e eu vou parar. — Eu puxei as calças para baixo com força e os nós dos seus dedos ficaram brancos agarrando o assento. Eu podia sentir sua hesitação, mas ela ainda não me impediu, secretamente sabendo que ela queria isso. Ela me queria de novo, porque eu era o único que poderia dar a ela o que ela precisava.

Meus olhos estavam fixos em seu rosto enquanto eu deslizava as calças de seu corpo, sua pele macia aparecendo. Eu deslizei o material por seus quadris, mais baixo e mais baixo até que sua calcinha azul com babados se revelou. Eu gemia, descobrindo mais de suas pernas tonificadas. Arrancando as calças, os pequenos saltos caindo, o barulho foi o único som no profundo silêncio. Eu queria vê-la completamente nua, mas sabia que isso não aconteceria hoje. Então, novamente, isso não tinha importância. Eu conseguiria o que pudesse dela.

Inclinando-me para frente, deixei minhas mãos caírem sobre sua pele macia de alabastro e ela estremeceu sob o calor delas, arrepios se formando sob as pontas dos meus dedos. Minhas mãos viajaram para cima até que encontraram o topo de suas coxas. Ambos os nossos olhos se encontraram em um momento longo e aquecido, sabendo o que estava por vir.

Eu deixei meu polegar acariciar a parte superior de sua calcinha. —Você usou isso para mim, querida? — Eu tracei os suaves babados dessas calcinhas azuis, cuidadosamente deslizando meu dedo do meio para sua abertura. Ela gemeu baixinho enquanto a parte de trás dos meus dedos corria ao longo de seu núcleo. Seus olhos se arregalaram, seu peito subia e descia em rápida sucessão, enquanto a doce excitação começava a cortejá-la. Seus olhos nunca me deixaram, seguindo cada um dos meus movimentos.

—Abra suas pernas para mim, Lilith.

Ela balançou a cabeça e com o canto do meu olho, eu a vi apertar o apoio das mãos. Eu realmente não me importava se ela queria ou não, no final eu faria do meu jeito. Assim como meus dedos traçaram seus lábios macios, suas coxas se separaram ligeiramente, seu corpo respondendo a mim instintivamente.

Eu sorri conscientemente enquanto deslizava sua calcinha bonita para o lado, expondo sua fenda. Minha boca se encheu de água, o cheiro dela enchendo meus sentidos. Arrastando meus dedos levemente ao longo de sua fenda, brinquei com ela, a provoquei, observei seus olhos se dilatarem e seu corpo lentamente se fundir no assento de couro.

—Seus lábios estão molhados, — eu rosnei, e suas pernas se separaram ainda mais, seu movimento restringido pelos braços da cadeira. Eu acalmei suas coxas, apertando-as com firmeza. —Eu aposto que você é deliciosa.

Ela estremeceu, a cabeça balançando lentamente de um lado para outro, mas nenhuma palavra escorregou de seus lábios. Tomei isso como minha sugestão para fazê-la começar a gritar. Abaixando

minha cabeça, meus olhos em seu rosto, eu achatei minha língua sobre ela, e tomei meu gosto de seus doces sucos, que pingaram sobre minha língua como mel. Meu pau pulsou quando um profundo gemido gutural finalmente caiu daqueles lábios cheios e suculentos.

—Eu fodidamente amo seus gemidos. — Um rugido profundo emanou do meu peito enquanto eu a puxava para mim. Ela ofegou quando seu corpo se sacudiu, deslizando mais abaixo no assento. Minhas mãos agarraram seus joelhos, puxando-os para cima e espalhando-os para que eu pudesse voltar ao trabalho.

Ela gritava enquanto eu chupava sua boceta nua. Ela se depilou desde a última vez que estivemos juntos. Talvez subconscientemente ansiosa para me ter dentro dela novamente.

—Adrien, por favor. — Seus dedos emaranhados no meu cabelo e seu gemido a entregou. Eu ignorei cada palavra que ela pronunciou enquanto eu a forcei a ficar na posição em que ela estava.

Quanto mais ela se esforçava para se sentar, mais apertado eu a segurava até que ela ficou rígida e suas costas arquearam deixando minha língua brincar contra seu clitóris. Seu corpo ondulou, seus quadris subindo para deslizar essa boceta suave contra a minha língua áspera. Eu lambi sua fenda, reunindo seu creme na ponta da minha língua. Enquanto eu enrolava minha língua em torno de seu clitóris, eu mordi, amando seu grito estrangulado. Senti uma forte satisfação em ser o único a levá-la àquele precipício frustrante de angústia satisfatória.

Suas mãos puxaram meu cabelo, empurrando meu rosto contra seu monte, permitindo-me testemunhar o quão pouco controle que

ela tinha, ao se foder em um abandono selvagem. O pescoço alinhava meu queixo servindo como aquele indutor de prazer rouco onde ela corria para longe. Seus gemidos sexy encheram a sala, seu corpo naturalmente respondendo ao meu. Observá-la se desfazendo na minha língua foi fodidamente excitante. Aquele suco de boceta lambuzou meus lábios e meu queixo com cada um de seus movimentos. Segurei seus quadris, apertei minha mandíbula e esfreguei meu queixo ao longo de seu clitóris macio. Ela gritou meu nome enquanto eu cobria meu rosto em sua essência. Minha língua se aprofundou naquele pequeno e apertado buraco até que ela estava gritando com necessidade, o resto do mundo esquecido para nós dois. Meu único objetivo era fazê-la ver que deixar ir, pode ser uma coisa linda.

Meu pau pulsava incessantemente e eu o acariciava através da minha calça. Eu o queria estar dentro da garota bonita, tanto, e não resistiria mais a mim mesmo.

—Adrien, — ela gemeu sonhadoramente quando eu inseri dois dedos grossos dentro dela. Meus olhos nunca deixaram os dela enquanto meus dedos deslizavam para dentro e para fora de seu calor escorregadio.

Suspiros de prazer encheram a sala, o cheiro de sua vagina penetrando no meu escritório. Tirar meu pau foi um esforço torturante, a ponta sensível vazando para ela, o manter longe dela era pura agonia. Eu recoloquei minha mão com a ponta do meu pau escorregadio, acariciando-a lentamente, amando a sensação de sua suavidade aveludada me revestindo.

Seus olhos estavam arregalados e vidrados, suas respirações quase inaudíveis. —Você tem a boceta mais doce, querida. — Eu bati

a cabeça do meu pau em seu clitóris e ela deu o mais desesperado dos choramingos.

—Diga-me que você quer isso, Lilith.

Seus quadris se levantava, ela deslizava os lábios da sua boceta para cima e para baixo no comprimento do meu eixo. Eu olhei para ela, um sorriso colado nos meus lábios. —Isso não parece um *não*.

Ela mordeu o lábio, parecendo inocente pra caralho dançando no meu pau. Sua testa franzida, uma guerra interna furiosa dentro dela. Colocando minhas mãos no assento, eu me inclinei para frente ganhando alavancagem, meus lábios a centímetros dos dela enquanto eu guiava minha pélvis para dentro dela, dando a ela meu próprio gemido de aprovação.

—Eu posso fazer isso o dia todo, querida. Adoro sentir essa linda bocetinha babando em cima de mim, me querendo, pingando em mim. Um maldito sonho se tornando realidade.

Ela engasgou quando a cabeça do meu pau bateu em seu clitóris e seus olhos voaram para os meus. Ela sabia o que estava vindo, seus olhos implorando por mim.

—Eu quero ouvir você implorar por isso, — eu apertei meu queixo dando-lhe um pouco mais de pressão para continuar.

—Não, — ela choramingou, seus quadris desviando contra os meus.

Segurando seu queixo entre meu polegar e indicador, forcei seus olhos a permanecerem presos nos meus. —Deixe ir, querida.

Minhas palavras provocaram algo nela e seus lábios se separaram quando ela fechou os olhos. Eu me inclinei para frente lambendo-os e seu gemido bateu na minha língua. Com um suspiro, ela disse as palavras que eu queria ouvir.

—Eu preciso de você.

Afastando-me, eu olho para minha beleza quebrada. —Eu sei, baby.

—Por favor, — seus olhos e corpo me imploraram, mas eu precisava de suas palavras.

—Diga-me, querida, — eu insisti. —Diga isso. — Eu moí contra ela, uma gloriosa tortura como enquanto eu perfurava através de suas barreiras.

—Foda-me, — as palavras foram um único suspiro, lançado contra os meus lábios, e eu não hesitei em obedecer. Perdido em meu próprio prazer, eu finalmente afundei nela.

Eu fui devagar no início, centímetro por centímetro, amando como ela apertava em torno de mim. Seu corpo enrijecia e soltava, suas coxas se abriram, me dando as boas-vindas. Quando suas pernas envolveram minha cintura, eu puxei de volta e dei a ela o que ela precisava. Eu não podia desacelerar, nem mesmo quando ela gritou ou mordeu meu ombro ela se desmanchando debaixo de mim. Meu eixo largo esticando sua boceta apertada, forçando-a para o meu pau, para mim. Eu queria sua foda, eu queria o seu orgasmo, eu queria *ela*.

Quando ela gozou em mim, seu corpo se levantou, e eu a agarrei e a puxei com força quando a peguei longa e duramente, sentindo minhas bolas apertadas.

—Porra, Lilith! — Meu corpo ficou tenso, os músculos se esforçando enquanto meu corpo se enrolava para trás. A primeira corrente de gozo disparou, fazendo meu corpo empurrar dentro dela e estremecer. Sua boceta apertou em mim. Capturando-me involuntariamente, para que não faltasse uma gota.

Isso tinha que ser o que eles queriam dizer com amor. Perder-se no outro, perdendo o controle completo ainda se aceito por ele. Eu não me importava mais, não queria me segurar. Ela poderia ter tudo de mim, fazer o que quisesse comigo. Porra, ela poderia me matar, e eu ficaria satisfeito com sua decisão, desde que eu morresse em seus braços.

10

LILITH

Eu corri.

Eu realmente não sabia mais o que fazer. Eu fiquei sentada lá por um momento, olhando para o espaço enquanto ele fechava as calças. Seus olhos estavam em mim o tempo todo, mas eu não conseguia suportar olhá-lo. Não é que ele tenha sido cruel, ou ele me empurrou demais. Pelo contrário, ele foi doce comigo. Ele cuidou de mim, mas a vergonha foi demais para aguentar. Então, quando tive a chance, saí.

Meu nome escorregou de seus lábios, eu corri pelo corredor, o batente da porta de metal batendo atrás de mim, eu voei por aquela maldita escadaria. Eu não pude acreditar no que acabei de fazer. Foi tão errado, tão cheio de pecado. Eu estava suja. Eu mais uma vez agi como uma prostituta. Isso foi minha culpa. Mas estar perto dele ... não consegui me conter. Ele fez, eu me sentir tão bem, tão viva.

O vento frio bateu no meu peito como um tijolo, roubando minha respiração por um momento. Eu estava tão perdida em meus pensamentos, e no que eu acabara de fazer, que eu não percebi o carro no início. A som da buzina me assustou, e eu congelei ao ver o caminhão que estava a poucos metros de distância. Era como um grande monstro que estava apontando diretamente para mim.

Talvez fosse melhor assim.

Fechando meus olhos, aceitando meu destino, congelada no tempo. Este era o momento. Aqui seria onde tudo terminaria. De repente, fui puxada para trás e bati em um peito largo e quente. Eu lutei contra ele, não entendendo claramente o que estava acontecendo.

—Pare! Lilith, pare com isso! Pare de correr! — O tom dele era frustrado. Firme, mas não com raiva. Ele soou mais angustiado, depois com raiva.

Ele segurou meus braços com força, os olhos doloridos olhando para mim. Eu tremi quando o frio frágil finalmente penetrou em meus ossos. —Você quer se matar!

Seus gritos ecoaram pelos prédios de concreto que nos cercavam. As palavras mórbidas correndo através de mim em um frio gelado. —Você não vai fazer isso comigo!

Seus olhos vagaram por mim, certificando-se de que eu estava bem. —Sinto muito, — minha voz tremeu quando o mundo de repente começou a girar.

—Você quer me machucar? — Ele perguntou cuidadosamente. —É isso? Sua tentativa de me causar dor, porque eu já estou sofrendo sem você!

—Você é egoísta, — eu sussurrei, minha respiração quente fazendo com que uma nuvem gelada se prolongasse em meus lábios.

—O que?

—Isso não é sobre você.

—Eu nunca disse que era, — ele franziu a testa. —Não era assim que isso deveria acontecer! Não é isso que eu queria!

—E o que eu quero?

Ele olhou para mim de olhos arregalados, confusão varrendo através dele. —Eu não sei o que você quer, Lilith. Tudo o que posso dizer é que quero que você viva. Eu quero que você tenha uma vida ... comigo.

Eu olhei para ele então, aquele olhar rasgado em seus olhos fez meu coração sair para ele. —Por quê? Eu não valho a pena.

Ele me puxou para perto, envolvendo o casaco em volta de mim. Eu não conseguia parar de tremer. —Você vale a pena cada segundo doce menina.

Seu estrondo emanou através de mim e a próxima coisa que eu sabia era que eu fui varrida em seus braços e levada de volta para dentro. Mas, em vez de irmos para o escritório, fomos para a garagem, onde ele me colocou no banco da frente do carro, e, quando saímos da garagem meus olhos se fecharam lentamente e deixei o sono me consumir.

***

O som de melodia suave me acordou, meus olhos focados nas chamas diante de mim. Sentei-me muito abruptamente, porque assim que o fiz, minha cabeça começou a girar. Meus olhos percorreram o ambiente familiar. Eu estava de volta em sua casa e pude ouvir seus passos no andar de cima. O cheiro de algo delicioso entrou na sala e eu respirei profundamente, minha boca

salivando. Quando me levantei, mais uma vez a tontura me dominou e, colocando a mão na testa, esperei um momento.

Eu ouvi os passos descendo as escadas e enquanto eu girava na direção, o mundo cedeu debaixo de mim e ele me agarrou antes que eu caísse. —Pelo amor de Deus, você não pode ficar quieta?

—Por que estou tão tonta? — Agarrei-me a ele enquanto ele me ajudava a voltar para o sofá. Ele me deitou e colocou um cobertor macio ao meu redor.

—Eu acho que você entrou em choque, — ele se ajoelhou e gentilmente passou a mão sobre a minha testa. Aquela sua linha de expressão aparecendo na testa. —Você está um pouco quente.

—Você precisa parar de cuidar de mim. Eu estou bem, — eu afastei sua mão, não querendo pena de ninguém.

Ele colocou as duas mãos nos joelhos enquanto olhava para mim. —Quem mais vai fazer isso, querida, se não eu?

—Eu não confio em você.

—Sim, eu entendo isso, muito. — Ele se levantou e caminhou até a cozinha. Eu agarrei o cobertor e me sentei lentamente. Depois de um minuto, depois de me assegurar de que não ia cair de cara no chão, me enrolei no cobertor e caminhei na direção dele. Foi então que percebi que não estava usando minhas roupas. Em vez disso eu estava usando uma longa camiseta branca que mal chegava nos meus joelhos.

Vagando descalça na cozinha, fiz uma careta para ele. —O quê? — Ele perguntou enquanto colocava espaguete em uma tigela.

Abrindo bem o cobertor, olhei para mim e de volta para ele. O safado sorriu e encolheu os ombros. —Você está linda.

—Você me despiu.

Ele encolheu os ombros. —Eu precisava te aquecer.

—Então você me deixou nua, — eu disse, estreitando meus olhos nele.

—Você não se encaixa em nada que eu tenho. O que mais você queria que eu tivesse feito?

Eu balancei a cabeça e sentei em frente a ele. Ele colocou o prato na minha frente e serviu-me uma taça de vinho. Agarrando um garfo, ele começou a comer. Eu vi quando ele inalou sua comida e, finalmente, depois de alguns minutos, ele suspirou, aparentemente irritado, e olhou para mim.

—Você vai me encarar a noite toda, querida, ou você vai comer?

—Você parece com fome, — eu provoquei.

—Eu estou com fome. Eu não comi porque tudo o que fiz o dia todo foi carregar sua bunda. Coma. — Ele gesticulou para o meu prato com o garfo e eu lentamente levantei o copo de vinho aos meus lábios, olhando para ele por cima da borda.

Seu queixo se contraiu enquanto mastigava, lambendo os lábios enquanto saboreava a comida. Ele era um homem tão bonito. Fiquei me perguntando o que diabos ele viu em mim. Por que ele não tinha se casado e teve filhos até agora? Por que ele estava tão sozinho nesta casa enorme?

—Por que você não se casou?

—Porque nunca houve ninguém para se casar, — afirmou com naturalidade.

—Você quer se casar?

Ele colocou o garfo para baixo e olhou para mim, seus olhos me perfurando com uma expressão de frustração. Eu quase ri. De certa forma, gostava que pudesse perturbá-lo tão facilmente. —É isso que você quer fazer? Descobrir por que estou tão sozinho?

—Estou apenas curiosa. — Eu disse casualmente antes de dar uma mordida no espaguete. Eu gemi enquanto minha barriga roncava de felicidade.

Ele sorriu. —Bom?

—Mmhmm, — eu enchi minha boca com outra garfada, mas eu não deixei o assunto ir. —Por que você não tem uma namorada?

—Jesus, — ele olhou para mim. —Porque as mulheres não gostam de um idiota como eu.

—Eu não acho que você é um idiota.

—Não? Eu fiz você gozar no meu pau duas vezes sem pedir permissão. Se eu não sou um idiota, o que isso faz de mim?

Eu estreitei meus olhos nele. —Arrogante e um maldito filho da puta.

Ele quase cuspiu sua comida com a minha resposta. Depois de uma longa pausa, ele jogou a cabeça para trás e riu. Batendo no seu

joelho, ele balançou a cabeça e tomou um longo gole de sua cerveja. —Você é outra coisa, querida. É por isso que gosto tanto de você.

Levantei meus olhos para os dele, limpando o molho do meu queixo. —Você gosta de mim.

Ele se inclinou para frente e deslizou o polegar pelo meu lábio inferior. —Se eu não gostasse baby, eu não estaria obcecado com aquela sua boceta.

—Você é malditamente bruto, — eu empurrei a mão dele e ele riu antes de chupar o molho do polegar.

—Você está com um humor melhor, eu vou lhe dar isso, — afirmou ele, olhando para mim. —Por que você fez isso, querida? Por que você acha isso?

Eu engoli o último pedaço de comida no meu prato e peguei o copo, eu engoli o resto do vinho. Ele estendeu a mão e serviu-me outra taça. Eu olhei para o líquido quase violeta, hipnotizada pela forma como cascateava pelo cálice da taça. Um vermelho carmesim, cuja cor parecia me assombrar desde que o conheci.

—Eu não estava pensando, — eu sussurrei.

—Claramente.

—Por que você correu atrás de mim? Você não fez isso antes. Por que você fez isso em primeiro lugar?

Ele sorriu. —Para mostrar a você que eu não dava a mínima para o que você queria. Eu sei o que é melhor para você. Eu sempre soube.

—Você não sabe de nada, — meus olhos encontraram os dele, um olhar desafiador que só o fez sentar e rir.

—Você tem um fogo em você que só parece queimar quando estou por perto. Existe alguma possibilidade de me mostrar um sorriso, querida? Deus, eu amo seu sorriso.

Sua resposta foi genuína e fez meu coração derreter. Foi provavelmente a coisa mais fofa que alguém já me disse. —Você… você me confunde.

—Eu confundo você. Você é a única a lutar comigo em tudo.

—Porque você me confunde.

—Você se confunde, querida. Eu sei muito bem o que eu estou procurando. E envolve você esquentando minha cama todas as noites, enquanto eu puder mantê-la nela.

Eu podia sentir o sangue subir pelas minhas bochechas e me escondi atrás do copo de vinho. —Vá devagar, minha querida. Não quero que você caia em cima de mim.

—Eu pensei que já fiz isso, — afirmei inocentemente.

Ele deu uma gargalhada que literalmente aqueceu meu coração. Eu gostava de ver esse lado dele e ser capaz de fazê-lo rir. —Ela tem um senso de humor, quem teria pensado. — Ele levantou o prato e olhou para mim. —Suba as escadas, eu enchi a banheira para você. Tudo o que você precisa fazer é encher o resto com água quente.

Eu olhei para os músculos ao longo de seus ombros e antebraços. Eles ondularam através de sua camiseta justa enquanto

ele esfregava os pratos. Vê-lo assim era diferente. Sentia-se bem, relaxado, ele se sentia como casa, que foi algo que eu realmente nunca havia experimentado antes. Pela primeira vez, senti que talvez eu pudesse ter um pouco de amor. Até mesmo uma gota disso seria suficiente para minha sede.

11

ADRIEN

Ela estava deitada na banheira, o vapor escondendo suas adoráveis curvas que eu desejava ver. Eu estava cansado de tê-la em pequenos espaços de tempo, queria passar um tempo adorando-a. Beijando cada centímetro dela. Entrando no banheiro, sentei-me na borda da banheira e abri a presilha do seu cabelo, os fios dourados caindo. Ela engasgou e espirrou antes de eu apertar minhas mãos em seus ombros e acomodá-la de volta.

Pegando a escova, ela havia deixado no balcão, eu corri em suas longas madeixas. Ela tinha um cabelo macio, pesado e dourado que fluía pelas pontas dos meus dedos. Fechando os olhos, ela relaxou de volta na água, me deixando brincar com eles. Meus olhos vagaram pela água, onde as pontas de seus seios se destacaram sexualmente. Eu queria chupá-los, saborear cada centímetro de sua pele, mas, como sempre, me contive. Eu nunca pensei que estaria fazendo isso com ela. Eu gostava de ter esse momento íntimo e tranqüilo, apenas nós dois. Pegando seu cabelo, eu gentilmente penteei meus dedos através deles e comecei a separá-los. Ela sorriu e olhou para mim.

—O que você está fazendo?

—Trançando seu cabelo, — me concentrando na sobreposição dos fios dourados.

—Onde você aprendeu a fazer isso?

—Meu tio tinha uma fazenda. Eu costumava trançar as crinas dos cavalos. Meu tio achava que seria bom eu estar perto dos cavalos. E ele não estava errado. Eles me trouxeram uma sensação de paz.

—Onde está seu tio agora?

Minhas mãos pararam de se mover enquanto a raiva enroscava através de mim. Eu não gostava dessa lembrança, porque estava amarrada com a amargura do meu passado. Deixei a raiva diminuir antes de responder. —Ele morreu quando eu estava na faculdade.

—Eu sinto muito por ouvir isso, — ela chegou para trás arrastando as pontas dos dedos ao longo das costas das minhas mãos. Eu me inclinei para frente beijando-os levemente. Ela riu e colocou a mão de volta na água. —O que aconteceu com os cavalos?

—Meu pai os vendeu, — meu punho apertou em sua trança, me fazendo puxar o cabelo um pouco.

—Mmmm, — ela cantarolou em resposta, levantando a taça quase vazia de vinho que eu deixei para ela, para os lábios.

Ela estava em seu próprio mundinho esta noite, mal estava ciente do meu tumulto. Eu preferia assim, ela não precisava saber. Me sentindo impaciente, inclinei-me e peguei uma toalha. Chegando ao lado da banheira, seus olhos arregalados olhando para mim.

—Eu não sairei com você aqui.

—É o único jeito, querida. Eu não vou olhar, eu prometo, — eu pisquei para ela e ela revirou os olhos.

—Oh, por favor. — Ela suspirou, franzindo os lábios e saiu lentamente da água. A virilha das minhas calças apertou com a visão dela. Meus olhos se encheram enquanto ela saia da banheira, com a trança pendurada no ombro direito. Foda-se ela era linda. Uma cintura estreita que descia até os quadris cheios de curvas, a pele corada pelo calor, os arrepios em sua pele macia. Ela tinha longas pernas que se estendiam por quilômetros e pés delicados que ficavam na ponta dos pés enquanto ela se aproximava de mim. Seus seios eram pelo que minha boca estava salivando. Montes bonitos e suculentos, do tamanho perfeito para minha boca. Eu queria chupar e morder até ela gozar para mim. Eu não estava esperando nada esta noite. Ela era toda minha, e eu não estaria desistindo dela tão facilmente.

—Eu acho que você está apenas tentando me manipular, — ela suspirou enquanto eu a enrolava a toalha em torno dela e a puxava para mim.

Sua estrutura suave derreteu contra o meu corpo duro, umedecendo um pouco minhas roupas. Eu embalei seu rosto, acariciando suas bochechas. —Você tem um coração tão grande, minha doce menina. Tanto amor para dar, ainda que tão ingênuo às vezes, que me mata. Você está certa. Eu poderia facilmente manipular você, mas não vou. Eu não quero. Qual seria a graça disso?

Eu sorri e ela franziu a testa. —Isso não é um jogo para mim. Eu nunca quis nada com isso. E para mim, você ainda é um estranho.

—Mas você se sente essa estranheza, não é? — Eu coloquei sua mão acima do meu coração. —Você sabe que eu não estou aqui para te machucar, certo?

Olhando para o meu peito, ela lentamente assentiu. —Eu acho que preciso ir.

—Eu quero que você fique.

—Pelo que? Eu sou uma bagunça. Eu deixo homens estranhos me tocarem e se safarem disso. O que isso lhe diz?

—Isso me diz que você é uma criatura do prazer. Isso me diz que você reage de acordo, e qualquer mulher que tenha estado em sua posição reagiria da mesma forma. Não há nada de errado com o que você sente. Prazer é simplesmente isso, prazer. É o que você faz disso. Mas se você está sentindo isso com a pessoa que você ama, então como pode haver algo errado?

Ela zombou e se virou para ir embora, oscilando um pouco com os poucos drinques que ela bebeu. —Por favor, não vá. Eu vou te levar para casa.

—Se eu fizer isso, talvez eu não queira nunca mais ir embora.

—Tudo que você precisa fazer é perguntar, querida. Apenas diga o que seu coração lhe diz.

—Eu não escuto meu coração há muito tempo.

—Me conte algo. O que o seu instinto lhe diz?

—Eu não sei o que você está falando sobre ...

Eu cobri seus lábios com as pontas dos meus dedos. —Hushhh, o que seu instinto está dizendo a você?

Ela permaneceu em silêncio, e eu pude ver aquela turbulência em seus olhos. —Você está nervosa?

—Não.

—Você está assustada?

—Não.

—Você confia em mim?

—Eu quero confiar.

—Não, — eu balancei a cabeça. Não era o que eu queria ouvir, e ela sabia muito bem a resposta. —Você. Confia em mim?

Ela parou por um momento, absorvendo minhas perguntas, e quando ela olhou nos meus olhos, eu sabia a resposta.

—Sim, — ela suspirou.

Eu deixei minhas mãos deslizarem pelos lados de seu pescoço, seus olhos se fecharam ao sentir-me. —Então me deixe entrar, querida. Deixe-me aprender através de você que o amor existe.

Eu deixei meus lábios permanecerem nos dela. Eu queria seus lábios nos meus, porque era isso que ela queria. Eu precisava que ela me quisesse tanto quanto eu a queria. Porque meus sentimentos sempre foram claros. Eu não estava aqui para jogar. Desde o primeiro momento em que pus os olhos nela, eu sabia que esta mulher era especial. Eu sabia que ela poderia suportar qualquer

coisa. Ela só precisava de alguém para guiá-la. Ela precisava de alguém em quem confiar. Minha parte estava terminada, tudo o que ela precisava fazer agora era se entregar, e foi exatamente isso que ela fez.

Seus lábios roçaram os meus suavemente e seu suspiro vibrou na minha boca. Com um pouco de hesitação, ela pressionou a boca na minha, gentilmente moldando-a à minha, sua língua traçando meu lábio superior. Minhas mãos deslizaram até a cintura, agarrando-a com força, com medo de que ela quisesse fugir novamente. Pela primeira vez desde que a conheci, não queria dar a ela essa opção. Eu estava com medo. Eu estava literalmente com medo de perder esta mulher quebrada. Ela se tornou uma parte de mim, uma que estava perdida há muito tempo.

Talvez Platão estivesse certo, talvez a outra metade de uma alma exista. Talvez sua alma busque por isso mesmo sem você saber. Mas ela chegou como um relâmpago, e eu me apaixonei por ela desde então. Ou talvez, apenas talvez, que o amor fosse assim. Talvez tudo seja o que é, porque quando você realmente ama alguém, percebe que suas falhas são o que faz deles quem eles são. Quando você realmente ama alguém, você vê a beleza em sua sombra quebrada.

Sua toalha caiu no chão quando ela se derreteu em mim, e eu não pude deixar de passar minhas mãos ao longo de sua pele macia, embalando sua bunda fofa e pressionando-a em mim. Seu gemido suave escapou e pousou em meus lábios quando a levantei em minhas mãos, suas pernas me envolvendo instintivamente. Eu rosnei enquanto pensava em sua boceta molhada deixando marcas na virilha da minha calça. Meu pau sentiu o seu calor a cada passo

que eu dava, e eu sabia que ela também sentia. Seus arrepios e gemidos a entregavam.

Eu a coloquei na cama e ela assistiu sob cílios longos e sedosos enquanto eu tirava minha camiseta, suas mãos subindo para traçar os recortes formados pelos músculos do meu abdômen. Eu respirei fundo quando ela deixou as pontas dos dedos vagarem na minha pele, cada toque deixando uma trilha quente. Eu abri minhas calças e tirei-as, meu pau saliente de maneira lasciva contra o material macio da minha boxer. Ela olhou para baixo e gentilmente correu um dedo ao longo do comprimento.

—Tire isso, querida. Preciso da sua linda boca.

Ela mordeu o lábio, e depois de um momento, ela arrastou o material para baixo, meu pau passando em seus lábios enquanto saltava para ela. Ela engasgou, e ele balançou para trás, deslizando contra sua boca aberta e soltei um gemido de satisfação.

—Abra sua boca, querida. Eu não posso esperar mais tempo.

Ela fez o que eu pedi, abrindo os lábios para que eu pudesse deslizar meu pau ao longo desse músculo molhado, meu creme cobrindo sua língua. Eu podia senti-la deslizar até fundo, me chupando suavemente enquanto me provava. Oh, ela não era novata. Ela sabia exatamente o que estava fazendo enquanto me fodia com a boca. Seus lábios se fechando sobre mim quando aquela sucção deliciosa começou. Com cada sacudida de sua cabeça ela me levou mais e mais profundo. Olhando para baixo eu assisti hipnotizado enquanto minha linda garota chupava meu pau pela primeira vez.

—Uma menina tão doce possuir uma porra de boca tão safada, — ela me chupou com força, raspando as unhas pelas minhas coxas e eu rosnava em luxuriosa satisfação.

—Porra, sim. Isso é bom pra caralho, querida. — Eu gemi novamente e cada grunhido ou rosnado que eu fazia só a fez ir mais rápido, mais duro, mais forte até que ela tivesse o nariz pressionado na minha pélvis e meu pau estivesse pulsando na sua garganta.

Ela gemeu ao meu redor, e eu fodidamente desabei sobre ela, rugindo enquanto eu disparava minha primeira carga da noite em sua linda boquinha. Meus quadris empurraram quando eu empurrei sua cabeça contra a minha pélvis, esfregando nela enquanto eu gozava em jorros profundos e espessos. Eu podia sentir sua garganta trabalhando para me engolir, a pressão só tornando a experiência ainda mais gratificante. Ela lentamente me tirou de sua boca, gentilmente lambendo a cabeça do meu pau enquanto ele estava meio duro contra a minha coxa.

—Eu quero espalhar você em meus travesseiros, querida, eu quero essa boceta na minha língua. — Eu não dei a ela uma chance de responder antes que eu a tivesse exatamente onde eu queria. Agarrando os lençóis e gritando meu nome enquanto minha língua se enrolava em torno daquele clitóris duro e pequeno. Seus peitos balançavam enquanto ela tremia em volta da minha língua, seu corpo arqueando para trás enquanto eu me mantinha enterrado dentro dela. Em movimentos incessantes, curtos e rápidos para cima e para baixo, até que meu nome se tornou uma oração completa, me implorando e pedindo por mais.

Eu deixei seus quadris para baixo e levantei suas pernas para trás, pressionando meus joelhos na parte de trás de suas coxas. Eu

abri suas pernas e me levantei, mergulhando meu pau nela. Ela gemeu, e eu assisti enquanto sua boceta se contorcia, implorando para ser preenchida, então eu fiz exatamente isso. Eu coloquei meu pau dentro, tirando-o, colocando-o de volta cada vez mais fundo a cada provocação. Ela estava chorando, arranhando a cama enquanto eu a enchia e esvaziava.

—Eu amo você me implorando, querida. Você implora tão docemente pelo meu pau em você.

—Ohhh, Adrien. Por favor.

—Isso mesmo, menina doce. Este é o seu pau, não é?

—Sim, — ela sussurrou e arqueou as costas enquanto eu a preenchia mais uma vez, seu corpo tremendo enquanto eu saia completamente, acariciando sua boceta com o meu comprimento grosso.

—Oh meu Deus, você está me deixando louca. Por favor, Adrien. Por favor, me preencha.

—Eu vou me enterrar tão profundamente dentro de você, que você sentirá um vazio dolorido quando eu não estiver com você.

Eu rosnei profundamente e ela gemeu, suas unhas correndo pelos meus braços. Seus dedos do pé se curvaram ao som da minha voz e eu sabia que ela gostava disso.

—Você gosta do som da minha voz enquanto eu te fodo, querida?

—Ohhh, simmm, — seus quadris começaram a se agitar, ondulando em círculos largos enquanto ela procurava ser

preenchida. Eu pressionei meu polegar em seu clitóris e ela gritou, um grito estrangulado sendo liberado enquanto eu deslizava para dentro dela e circulava seu clitóris. Sua respiração veio em suspiros ofegantes quando comecei a fodê-la. Nosso sexo era quente e cru, e ela nem sequer pensou duas vezes enquanto eu enterrava meu pau nu nela.

—Minha garota safada adora o jeito que eu fodo ela.

—Oh meu Deus, — eu empurrava duro e áspero. E eu a assisti se contorcendo debaixo de mim. Foi um cruzamento entre não saber se, eu rastejaria ou ficaria e terminaria o que começamos. Seu corpo tremia violentamente enquanto eu batia nela repetidas vezes. Agarrando seus seios, eu mordi a carne, mas em vez de gritar, ela soltou um rosnado rouco e sexy enquanto me segurava, e eu lambi os botões apertados. Minha língua provando seus mamilos sedosos e mordendo as pontas até que ela gritou.

Meu pau só ficou mais duro para ela, inchando em minha percepção de que ela gostava disso duro. Ela gostava do que eu era e tudo que eu dava a ela. Eu não sabia fazer amor, eu sabia disso. Um estado frenético de luxúria que nos levou até o maldito limite e nos manteve lá até nós dois explodirmos um sobre o outro. Eu não queria que fosse de outro jeito. Enquanto seus sucos cobriam meu pau, eu me inclinei sobre ela pressionando meus lábios nos dela. Nossos membros emaranhados, seus braços em volta de mim, nossas línguas fazendo uma dança pecaminosa enquanto eu profanava seu belo corpo.

—Estou fodidamente perto, — murmurei contra seus lábios e sua resposta foi envolver as pernas em volta de mim e me capturar contra ela.

Eu me afastei e olhei para aqueles olhos profundos, cor de mel. Ela me implorou silenciosamente para deixar ir. Suas unhas se arrastando pelas minhas costas enquanto nós gritávamos um contra o outro. Estendendo a mão, eu embalei seu rosto.

—Você é tão linda, querida.

Eu empurrei profundamente, meus quadris se inclinando enquanto meu pau mergulhava naquelas dobras cremosas e quentes. Ela gritou por mim então, seus olhos nunca deixando os meus, enquanto ela gozava para mim. Sua respiração ficou presa em sua garganta, seu pequeno buraco apertado em torno do meu pau quando ela se despedaçou por mim. Aqueles belos olhos nunca deixaram os meus e, naquele momento, aquele sentimento que subiu em nós dois, não podia ser descrito em palavras. Nós sabíamos que isso era para acontecer. Era assim que foi destinado a ser para nós dois.

Eu me enterrei dentro dela, dando a ela a foda mais profunda de sua vida. Nosso amor não era doce, nem era puro. Era depravado e sujo, e eu fui ganancioso querendo que ela soubesse que cada um de seus orgasmos era meu. Ela deveria gozar apenas no meu pau, e eu deveria lhe dar tudo de mim. Meus músculos se apertaram, gotas do meu suor escorreram sobre seus seios, e o som de seus gemidos necessitados me fez explodir. Fluxos do meu esperma esguicharam nela, minhas bolas pesadas bombeando suas sementes para esta mulher perfeita. Eu deixei minha alma com ela naquela noite. Era a única coisa de valor que eu tinha para dar a ela.

12

LILITH

O último mês foi um pouco como despertar. Estar ao lado de Adrien me ensinou que existe algo como a bondade humana, e que há um sentimento especial que vem ao estar com outro ser humano. Cheguei à conclusão de que antes daquela noite eu estava perdida, estava em um caminho de autodestruição. E depois daquela noite, tudo culminou, me impedindo de viver. Mas Adrien tinha outros planos para mim. Planos que envolviam um futuro mais brilhante, um relacionamento amoroso, beijos matinais que vinham comum café saboroso.

Todo dia era algo novo. Todos os dias ele me ensinou que se eu realmente quisesse algo, eu precisaria lutar por isso. Eu acredito que as pessoas entram em sua vida por um motivo. Alguns ficam e alguns vão, para mim, eles sempre foram embora. Minha mãe sendo a única constante. Mas Adrien era diferente. Ele parecia querer ficar, e ele não estava realmente planejando ir para nenhum lugar. Bem, pelo menos era o que parecia quando murmurava isso em voz baixa quando eu me tornava uma dor no rabo para ele. Eu meio que gostava de frustrá-lo, isso me dava uma sensação de poder, de que eu poderia levá-lo a esse auge de mau humor, e depois trazê-lo diretamente para baixo com um beijo ou uma carícia. Ele gostava do meu toque e eu gostava de dar isso a ele.

A primeira vez que notei foram algumas noites atrás, quando ele estava tendo algum tipo de pesadelo. Ele continuava repetindo certas frases, uma que ficou comigo.

Não faça isso. Não entre aí.

Ele parecia lutar em seus sonhos. A certa altura, suas mãos se agitaram e me assustaram. Mas quando eu coloquei minha mão em sua testa e murmurei palavras de conforto contra sua têmpora, ele se acalmou quase instantaneamente. Foi quando percebi que meu toque e o som da minha voz aliviava qualquer desconforto que ele estivesse sentindo.

Eu fiz isso. Eu tive o poder de aliviar a dor de outra pessoa. Eu não achava que eu tivesse isso em mim. Eu tentei entender o que tinha acontecido, perguntando a ele no dia seguinte se ele estava bem, mas ele continuou a conversa, ignorando facilmente a minha pergunta. Incomodava-me pensar que ele não conseguiria se abrir comigo ainda, mas não pensei muito nisso. Não até esta manhã.

—O que há de errado? — Perguntei enquanto ele vasculhava as gavetas procurando alguma coisa. Batendo um dos armários da cozinha, ele olhou para mim.

—Não consigo encontrar minhas chaves.

—Oh, — eu caminhei em direção à sala de estar e levantando-as da mesa de centro, eu as pendurei na minha frente.

Exasperado, ele caminhou até mim, mas quando ele alcançaria as chaves, eu as escondi atrás das minhas costas. Franzindo os lábios, ele me deu um suspiro profundo. —Me dê as chaves, Lilith.

Eu balancei a cabeça. —Não até você me dizer o que está errado.

—Não tem nada errado, agora me dê as chaves. — Seu tom era firme, e ele parecia tenso, então eu coloquei-as em sua mão e passei meus braços ao redor dele.

—Lilith, por favor.

—Você está bravo, — eu murmurei em seu peito.

—Eu não estou bravo, eu só estou ... — ele suspirou mais uma vez. —Estou cansado, Lilith.

—O que você sonha?

Ele me puxou para longe dele e se virou para o quarto. —Por que você não se abre para mim?

—Eu me abri para você. Merda, você está morando aqui, não está?

—Isso não é o que eu quis dizer, — eu apoiei minhas mãos em meus quadris quando ele tentou passar por mim, mas eu continuei bloqueando a porta.

—Lilith, eu não tenho tempo para seus jogos.

—Eu não estou jogando, — eu fiz beicinho. —Estou apenas preocupada com você.

Ele olhou para mim e eu pude ver sua hesitação. Dobrando minhas mãos sobre meu peito, dei-lhe o meu olhar mais severo,

esperando pelo melhor. Ele balançou a cabeça e levantou os braços em derrota.

—Bem! O que você quer saber?

—Com o que você sonha?

Ele cerrou as mãos e colocou-as nos quadris. Ele abaixou a cabeça e sua intensidade irradiava em ondas. —Eu não posso te dizer isso.

—Por que não? Se isso for funcionar, então precisamos ser honestos um com o outro. Eu lhe contei todos meus segredos, por que não me conta os seus?

—Porque você não poderia lidar com meus segredos, Lilith. Ninguém nunca quis. Nem nunca tiveram tempo para querer entendê-los.

—Deixe-me tentar, — eu sussurrei enquanto me aproximava dele. Deslizando minhas mãos ao redor de sua cintura, olhei para ele. —Eu quero conhecer você. Ajudar você. Assim como você está fazendo comigo. Quais são os sonhos, baby?

Ele parecia relutante, mas no final, ele cedeu. —Eu não sei. É um pesadelo que tenho desde criança. Há um prédio de tijolos e a rua está vazia, não se pode encontrar uma alma por quilômetros. E eu continuo dizendo a mim mesmo para não entrar naquele prédio, mas não escuto, e assim que eu piso no limiar, sou lançado na escuridão. Embora nada seja novo para mim nesse sonho, ainda me vejo lutando para encontrar meu caminho para fora da escuridão.

—E você sempre teve esse sonho? — Ele assentiu e eu estendi a mão, tirando o cabelo escuro do seu rosto.

—Eu não tive o sonho por um tempo. — Ele olhou para mim com tristeza em seus olhos. —Quando você apareceu, o sonho começou de novo. É como um filme na minha cabeça, e me assusta, porque continuo pensando que nunca vou sair dessa escuridão.

—Não pense assim, meu amor. Há sempre uma saída.

Ele sorriu para mim e puxou meu rabo de cavalo. —Desde quando você se tornou tão otimista? Eu preferia a velha você. Volte para aquela assassina de humor, eu gostava daquela garota.

Eu bati em seu braço e quando eu bufei, ele me puxou para ele, me abraçando por trás. —Você é a única luz na minha vida agora, Lilith. Apenas sempre se lembre disso. Não importa o que aconteça entre nós. Você sempre foi a única para mim.

Seus braços se apertaram ao meu redor e eu deitei minha cabeça em seu peito. —Por que você está tão certo disso?

—Porque você foi feita para mim, é tão simples quanto isso.

—Oh sim?

—Sim, — ele rosnou no meu pescoço e me deu um beijo suave. —Agora prepare o seu traseiro, porque você está atrasada para o trabalho.

—Tenho certeza de que posso fazer algo para convencer a administração a me perdoar.

Batendo na minha bunda, ele piscou para mim e voltou a olhar para a sua pasta. Sua voz ressoou pelo quarto enquanto eu entrava no banheiro. —Eu vou encontrá-la na frente em quinze.

—Vinte! — Eu gritei quando liguei o chuveiro.

—Vinte e cinco e nem mais um minuto!

Eu sorria enquanto entrava no chuveiro, a água quente acalmando meus músculos. Era bom ter alguém por perto que queria cuidar de você. Se apenas ele me deixasse fazer o mesmo. Esses sonhos me preocupavam. Talvez ele compartilhasse mais comigo, mais tarde, por agora eu pegaria qualquer pedacinho dele que ele estivesse disposto a me dar.

13

LILITH

A casa desceu suas sombras sobre mim, olhando para mim como se estivesse me zombando. Eu não tinha voltado por muito tempo e não parecia um lar mais. De certa forma, fiquei feliz por minha mãe estar a vendendo. Foi o melhor para nós duas. Ela conseguiu o que queria, e eu consegui foi esquecer sobre esse lugar para sempre. Ela decidiu voltar à França, mas antes de ir ela precisava acertar algumas coisas. O corretor de imóveis estava vindo amanhã para avaliar a casa e ela me pediu para vir e o receber. Eu não tinha desculpa para não fazê-lo, então avisei Adrien que eu teria que estar ausente no fim de semana e, embora ele não estivesse satisfeito, ele entendeu que eu precisava fazer isso.

Desliguei o alarme e fiquei na entrada do que agora era uma casca fria com paredes. Sombras encheram o espaço vazio. O lugar que uma vez foi preenchido com lembranças quentes, agora estava estéril. Minha mãe conseguiu vender metade da mobília e a outra ela deu para caridade. Não havia mais nada no andar debaixo, então subi para o que já foi o meu quarto. Ela não mexeu nele, me pedindo para separar tudo o que eu gostaria manter e os itens que eu não queria, ela queria que eu desse.

Suspirando, sentei-me na beirada da cama, olhando pela janela para os altos pinheiros que escondiam a casa de vista. Seria um fim de semana longo. Gratamente, Adrien disse que viria para ajudar

amanhã. Todas essas coisas precisavam sair até a manhã de segunda-feira. Durante a parte restante da tarde e no final da noite, eu passei pelas velhas lembranças, peguei cartazes e limpei meu armário. Quando terminei, eu tinha uma caixa de itens salvos e três caixas cheias de itens que eu não precisava ou queria.

Eu estava tão exausta que fiz um sanduíche de queijo grelhado e depois me preparei para tomar um banho. A água quente acalmou meus músculos e afastou o peso que o dia tinha me deixado. Eu pensei em Adrien. De quão doce ele era, embora ele insistentemente me dissesse que ele não era doce, nem era um bom homem. Eu implorava para ele discordando, e nós sempre terminávamos as brincadeiras em uma encruzilhada. Tudo que eu sabia é que eu gostava de tê-lo por perto, sua presença me trazia conforto. Fazia apenas alguns meses desde que nos conhecemos, mas nas últimas semanas nos tornamos inseparáveis. Nosso relacionamento foi mantido em segredo no escritório, mas assim que o dia acabava e o sol se punha, eu era dele. Era bom pertencer a alguém e saber que alguém estava esperando por você. Eu nunca realmente me preocupei com isso, mas isso importava.

Poucas horas depois, quando eu estava aconchegada na minha familiar e aconchegante cama, ele preencheu minha mente e quaisquer pensamentos negativos que eu tive antes, foram sutilmente dissipados. Eu estava lentamente caindo no sono quando um barulho forte me acordou. No começo, achei que tinha sido um sonho e que estava imaginando, mas depois ele continuou.

Bang

Bang

Bang

A batida rítmica fez meu coração disparar, meu corpo em alerta total enquanto as batidas ressoavam altas e incessantes, e então de repente parou. Um pesado silêncio encheu o ar e a chuva bateu pesadamente contra a janela do meu quarto. Relâmpagos iluminaram a sala, e alguns segundos depois o som do trovão retumbou, caindo no céu.

Talvez tenha sido um galho. Nada para se preocupar.

Depois de um longo tempo de espera e escuta, exausta, eu finalmente me deitei de novo. Eu caí em um sono profundo e, no meu estado de ansiedade, os pesadelos tomaram conta. Sua respiração quente no meu pescoço enquanto ele mordia, deixando sua marca enquanto seus dedos arrastavam através do meu núcleo. Eu podia sentir as correias de couro mordendo minha carne, a sensação de seu peso era sufocante. Meus gritos foram silenciosos, enquanto o pânico se instalava dentro de mim quando percebi que havia perdido a voz. Eu chutava, me contorcia, mas ele era muito forte. Lágrimas escorriam pelo meu rosto enquanto ele se forçava para dentro de mim e no meu sonho, as batidas fortes sobrepunham seus grunhidos.

Bang!

Bang!

Bang!

Meus olhos se abriram quando o barulho alto reverberou pela casa. O vento uivava do lado de fora enquanto a chuva respingava contra a casa. Eu estava suando muito e meu coração estava na

minha garganta. Eu não sonhava com ele há meses e eu tremia enquanto o medo assumia. Meus olhos olhavam fixamente para cada sombra, cada canto escuro, esperando que alguém saltasse em mim. Meu coração disparou, minhas bochechas estavam molhadas, e limpei-as percebendo que eu estava chorando enquanto dormia. Fui ao banheiro e joguei água fria no rosto, olhando para o espelho. Eu não era a mesma mulher que eu era antes daquela noite, nem era a mesma mulher que havia assumido. Não. Essa era uma mulher completamente diferente que olhava para mim. Esta era uma mulher que estava sendo amada e cuidada, uma mulher que tinha confiança e que acabara de viver do passado. Eu odiava ter que voltar aqui. Eu odiava isso.

O som de passos pesados andando através do vidro me assustou. Olhando para a porta do meu quarto, me esforcei para ouvir. Com certeza, havia alguém andando no andar de baixo. O som do vidro quebrando tinha sido real. Foi real.

Corri para o meu quarto e peguei meu telefone, que deixei carregando ao lado da cama. Eu disquei a primeira pessoa que pensei que me ajudaria.

—Olá, — seu grunhido estremeceu meus nervos.

—Adrien, — eu sussurrei em pânico.

—Lilith. São três da manhã, querida. O que há de errado?

—Tem alguém na casa.

O silêncio penetrou através da linha e eu o ouvi se movendo. — Onde você está?

—No meu quarto.

—Fique aí, eu estou chamando a polícia.

—O que eu faço? — Sussurrei, correndo para a porta do quarto e trancando-a.

—Eu vou chamá-la de volta. Deixe o seu celular ligado e coloque-o no silencioso. Vai ficar tudo bem.

—E se for ele? E se ele cumprir sua promessa?

—Que promessa, querida?

—Que ele voltaria. Que ele voltaria por mim.

Ele fez uma pausa e quando ele falou, ele parecia irritado. — Fique no quarto. Estou chamando a polícia e indo para aí.

Eu pressionei minha cabeça na porta. Era uma hora de carro subindo a montanha até a casa, não havia como ele chegar a tempo. E com essa tempestade, só Deus sabia o quanto a polícia levaria para chegar à casa. As velhas escadas de madeira revelaram sua localização enquanto as tábuas do assoalho rangiam sob a pressão de cada passo pesado. Ele chegou mais perto e mais perto e eu pressionei minhas costas contra a porta, como se o peso do meu corpo pudesse detê-lo. Meu quarto estava no meio do corredor. O quarto da minha mãe ficava à direita. A casa estava completamente vazia, exceto pelos móveis do meu quarto, no qual seria fácil de encontrar. Os passos pararam e pressionei o ouvido na porta e escutei. Minha respiração parou, as palmas das mãos estavam suando enquanto eu tentava descobrir para onde ele tinha ido. Uma onda de medo passou por mim.

Concentre-se, Lilith. Foco.

Eu olhei para a janela. Meu quarto estava no segundo andar, se eu saltasse, eu provavelmente conseguiria, mas a queda não quebraria minhas pernas. Eu ouvi ele se movendo novamente, indo em direção ao quarto da minha mãe. Se eu corresse agora, eu poderia descer e sair pela porta em segundos. Eu não pensei, eu apenas reagi. Escancarando a porta, voei pelo o corredor escuro. Eu deslizei pelo chão de madeira em minhas meias e me amaldiçoei por não tirá-las. Alcançando a escada, meu único foco era descer as escadas, mas havia visto a sombra esperando por mim no escuro. Braços fortes me agarraram por trás e me levantaram do chão. Um grito estridente encheu o ar e, no meu pânico, eu lutei contra ele. Ele era grande e alto, e percebi rapidamente que não tinha chance de me salvar.

Ele riu no meu ouvido, o som viscoso me fazendo tremer incontrolavelmente. —Porra, você é uma coisinha doce.

—Solte-me!

—Por que eu faria isso? — A sensação de sua barba espessa raspou na minha bochecha e tornou o que estava acontecendo muito real.

—Eu lhe disse que voltaria para você, menina doce.

—Por favor. Por favor, não me machuque, — eu procurei por algo, qualquer coisa que eu pudesse usar para me defender. Eu dei um chute e o fiz voltar alguns passos, tropeçando contra a parede. Seu aperto em mim só aumentou.

—Briguenta. Eu amo uma boa luta em uma mulher.

—Foda-se! — Eu afundei minhas unhas em suas mãos e ele rugiu de dor. —Sua puta fodida! Eu vou te mostrar como um homem de verdade deveria ser. — Ele me soltou e eu caí no chão. Engatinhando, tentei fugir, mas ele me virou e me agarrou pelos cabelos.

Eu gritei enquanto ele andava pelo corredor, me arrastando para o meu quarto. —Aposto que a boceta doce precisa do meu pau.

Eu o chutei e ele me levantou, me balançando no ar como uma boneca de pano. Ele arrastou a língua ao longo da minha bochecha e eu engasguei em repulsa. —Porra, você é gostosa. Será que essa boceta sentiu minha falta?

—Foda-se! — Eu não estava caindo sem lutar. Arrastando minhas unhas afiadas em seus antebraços, eu tirei sangue. Ele grunhia, mas seu aperto só aumentava, tirando meu fôlego.

—Lute, cadela. Tudo que eu preciso fazer é apertar e eu poderia quebrar todas as suas costelas. Então você seria uma pequena boneca flácida para eu foder.

Eu choraminguei e parei em seus braços. —Boa garota. Você achou que eu não voltaria? Eu sempre estive te observando, esperando por você, menina doce.

Eu tremia de medo. Esse homem parecia estranho, soava estranho, mais duro e brutal. Através da confusão, tive essa sensação estranha, como se ele fosse um homem completamente diferente. Mas como poderia ser diferente? Eu devo estar enlouquecendo. Foi assim que tinha sido? Eu bloqueei algo, profundamente, enquanto tentava me proteger? Minha mente

distorcida não tinha chegado à conclusão de que esse pervertido realmente não queria me machucar? Não, eu não podia acreditar nisso.

Eu lutei e chutei tentando o afastar enquanto ele entrava no meu quarto. —Oh Deus, por favor. Por favor, apenas me deixe em paz.

Ele me empurrou para frente e me inclinou sobre a cama. Batendo minha cabeça no colchão, ele segurou a parte de trás do meu pescoço, ainda me segurando. —Doce putinha, olhe para essa bunda deliciosa.

Ele se inclinou sobre mim e mordeu o lóbulo da minha orelha, assim como tinha feito antes, só que desta vez ele causou dor. —Eu não posso esperar para enfiar meu pau nela.

—Não! Não! — Eu gritava e lutava contra ele. Meus olhos vagaram pelo quarto tentando encontrar algo que eu pudesse usar para me defender. Um relâmpago caiu do céu e na mesa de cabeceira ao meu lado, eu vi a minha arma. O martelo que usei anteriormente estava ali, a poucos centímetros da minha mão. Eu precisava pensar rápido antes que ele agisse.

Sua mão agarrou minha bunda, batendo e apertando. —Oh, eu vou me divertir com você.

Eu gritei enquanto ele me mordia através do material fino das minhas leggings. Me arrastando, me joguei para o lado, conseguindo ganhar força e eu chutei tentando ganhar alguma vantagem. Ele veio para mim com muita violência, mas eu não parei. Eu me arrastei para cima no colchão enquanto suas mãos agarravam minha cintura,

me arrastando para baixo. Eu agarrei sua cabeça enquanto minha mão esquerda se esticava, as pontas dos dedos acariciando o cabo do martelo. Eu segurava minhas leggings enquanto lutava para alcançar a única coisa que poderia me salvar. À minha direita, no chão, eu podia ouvir meu celular vibrando. Destacando na tela o nome de Adrien no escuro. Só ver o nome dele me dava coragem. Eu passaria por isso. Eu precisava. Soltando minhas calças, eu estendi as duas mãos enquanto ele as rasgava pelas minhas pernas. Eu gritei quando ele me arrastou para o outro lado da cama, o martelo ainda mesa de cabeceira.

Eu o agarrei e chutei, conseguindo lutar com ele enquanto me arrastava para cima. Suas unhas arrastaram pelas minhas coxas e eu gritei de dor. Ele estava lutando com o zíper enquanto ele me arrastava de volta.

—Oh, nós vamos nos divertir agora, não vamos? — Um sorriso malvado roçou seus lábios e eu conheci o puro ódio naquele instante.

Ele nunca me viu chegando. Levantando o martelo, não pensei duas vezes. O som de um estalo alto combinava com o estouro de um relâmpago que atingia as proximidades. Eu gritava enquanto o homem olhava para mim, com o sangue escorrendo pela sua têmpora, um olhar de admiração em seu rosto. Eu finalmente dei uma boa olhada em seu rosto, seus olhos. Ele não parecia em nada com eu o tinha imaginado. Seus olhos estavam abertos, sem piscar, e com medo eu chutei seu peito o afastando. Um baque surdo ressoou pelo chão de madeira.

Segurando o martelo no peito, eu deitei lá. Minhas calças estavam rasgadas em pedaços, marcas de arranhões e contusões

foram deixadas na minha pele, mas eu o parei. Eu o impedi de me machucar ainda mais. Meus medos eram profundos, mas meu senso de preservação era mais. Eu podia ouvir os sons das sirenes ao longe. O vento uivando enquanto as fortes gotas de chuva caíam contra a janela. Mais duro e mais violento do que antes.

Eu virei minha cabeça, entorpecimento se instalando enquanto minha adrenalina diminuía. Eu lentamente me virei na cama e peguei o telefone. O pensamento de que eu poderia ter matado um homem, que ele estava deitado no meu quarto de infância, mal passou pela minha cabeça. A única coisa que eu queria era ouvir a voz de Adrien outra vez.

EPÍLOGO

3 Anos Depois ...

Lili parecia tão adorável em seu vestido de verão azul, sua barriga redonda com o nosso bebê. Ela parecia tão adorável que não pude deixar de colocá-la de quatro e dar-lhe meu pau. Ela tinha sido uma participante bem disposta, e se você chamasse isso de fazer amor, então eu chamava de foder. Ela estava deitada no meu colo, com os cabelos dourados espalhados sobre o cobertor, os seios subindo e descendo suavemente enquanto ela adormecia se aquecendo ao sol. Eu não conseguia tirar minhas mãos dela, acariciando suas coxas, seus seios macios. Eu tinha dito a ela que eu sempre a protegeria, sempre estaria ao seu lado, e isso foi exatamente o que fiz.

Nós nos casamos há alguns anos, no Dia dos Namorados. Não poderia ter sido em outro dia. Esse foi o dia em que nos conhecemos, e eu queria que ela dissesse *que sim* no dia em que eu a levei pela primeira vez. Aquela noite provavelmente tinha sido a melhor da minha vida. Ela havia esquecido essas lembranças há muito tempo, mas eu me lembrava de cada segundo delas. Seu perfume feminino, o gosto de sua boceta na minha língua, como ela gozou para mim tão docemente. Como o corpo dela tremia e sacudia negando o fato de que ela gostava do meu pau nela. Ela nunca iria admitir isso, mas trouxe um pedaço escuro dela que ela escondia profundamente. Aquela escuridão que eu amava completamente.

Ela nunca saberia disso, mas eu nunca havia saído do seu lado, não podia. Eu era seu anjo negro olhando à distância e esperando o momento perfeito para ir até ela. Eu odiava o que ela tinha se tornado, o que eu tinha forçado a ela, mas foi necessário. Eu precisava que ela abrisse seus olhos e visse minha fraqueza, ela tinha que aceitar a dela. Dizem que para você fazer as pessoas perceberem quem elas realmente são, elas precisam experimentar um evento traumático.

Eu olhei para o rosto sereno da minha esposa, acariciando seu cabelo levemente enquanto meu coração batia genuinamente por ela. Eu a amava com todas as fibras do meu ser. Você precisa entender que o que eu fiz, foi para nós. Foi somente para nós. Eu não poderia tê-la de outra maneira. O ciclo que comecei foi uma jornada que teve que ser realizada em conjunto, para que nosso amor pudesse florescer. Todos os eventos que aconteceram foram uma roda gigante que foi colocada em ação naquela noite, em 14 de fevereiro, quatro anos atrás.

Desde o momento em que ela saiu de casa, eu estava com ela. Observando cada passo que ela dava, onde trabalhava, como se tornara solitária, como mudara sua aparência para desaparecer na multidão. Foi quando eu soube que ela precisava de mim em sua vida. Eu tive que encontrar o momento perfeito para usar sua bondade contra ela. Uma conversa perfeita que nos levaria a nos encontrar. Um trabalho perfeito que a obrigou a ficar perto de mim. Uma manipulação desonesta que a fez se apaixonar por mim.

Mas e quanto ao intruso, você perguntaria*. Quem era ele?*

Foi fácil encontrar alguém para desempenhar o papel. O cara era um ex-presidiário vivendo nas ruas e disposto a praticamente

qualquer coisa por dinheiro. Ele foi o candidato perfeito para o que eu tinha em mente. Encenando tudo, dei-lhe um roteiro. O que ele precisava dizer, o que ele precisava fazer, onde precisava ser e o tempo. Isso era relevante porque enquanto eu estaria dormindo na cama, ele estaria entrando. Eu liguei para os policiais assim que Lilith tinha me chamado. O plano não era ele a machucar, mas o filho da puta não estava jogando pelas minhas regras. Graças a Deus os eventos daquela noite ocorreram do jeito que foram. Lilith lhe tirando a vida foi inesperado, mas de alguma forma isso correu de acordo com meus planos. Um imprevisto nos eventos que acabaram beneficiando a nós dois. O pensamento de que ela se livrara de seu monstro era o último fio de seu passado que precisava morrer para que ela voltasse a amar.

Acariciando sua barriga, sorri para mim mesmo. Ela sempre foi minha. Ela nunca parou de ser minha. Nossos corações se encontraram. Isso era o que deveria acontecer. Possuir ela era meu destino.

Eu disse a ela que voltaria para ela, e eu fiz.

